

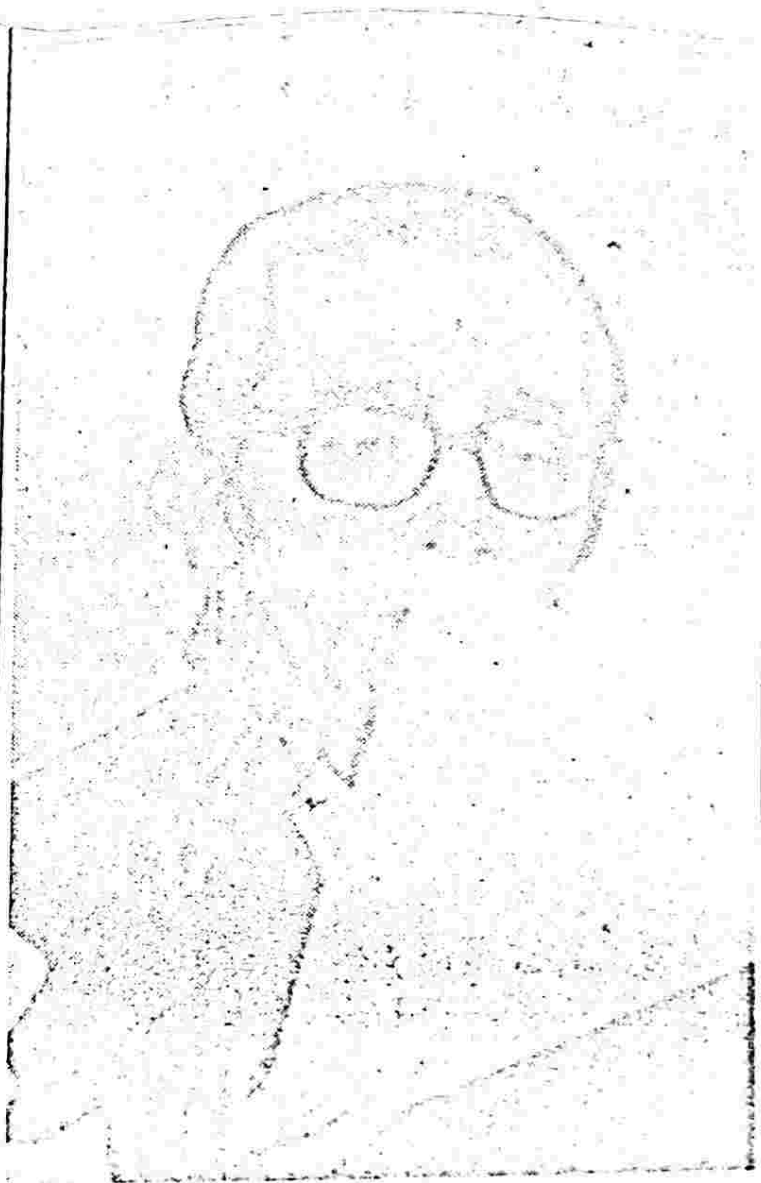
## BRASILINVEST ASSINA

## 3 ACORDOS

BOXX — O presidente do Brasilinvest, Mário Gamero, revelou ontem que o grupo assinara quarta-feira três acordos de cooperação com empresas alemãs. Pelo primeiro deles, a empresa alemã Nixdorf se comprometerá a ceder ao consórcio Labo-Brasilinvest, um dos vencedores da concorrência para produção de minicomputadores no Brasil, ao lado da Cibra, tecnologia para desenvolver o seu projeto. Gamero não quis revelar detalhes, adiantando que o acordo ainda se encontra em fase final de negociação.

O segundo será um convênio de cooperação financeira entre o Brasilinvest e a Deutsche Entwicklungsgesellschaft (Sociedade Alemã de Desenvolvimento — DEG) para a promoção de "joint-ventures" entre empresas brasileiras e alemãs no Brasil. Ao Brasilinvest caberá auxiliar a associação de empresas dos dois países em setores considerados prioritários pelo governo brasileiro, cabendo à DEG fornecer ajuda financeira. Segundo explicou Mário Gamero, a DEG dispõe, no momento, de aproximadamente 500 milhões de dólares para investimentos em novos negócios.

O terceiro acordo também será firmado com a Nixdorf. Visa a constituição de uma empresa a ser chamada Brasiltec, que operará na pesquisa de novas fontes de energia (inclusive a solar) e de telefonia móvel, com utilização de computador. O propósito é gerar tecnologia em setores prioritários definidos no Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



Arquitto

Para Veloso, Brasil tem prestígio no exterior

## Consórcio do Brasil pode construir usina na China

Um consórcio brasileiro, formado por Brasilinvest, Sul Americana de Engenharia e outras empreiteiras nacionais, poderá ser contratado, brevemente, para construir uma usina hidrelétrica e linhas de transmissão na China. A realização dessas obras, no valor de, aproximadamente, US\$ 1,5 bilhão, foi o principal objeto das negociações mantidas, ontem, na sede do Brasilinvest pela missão chinesa, que se encontra no Brasil com o objetivo de incrementar o intercâmbio econômico entre os dois países.

A missão chinesa, chefiada por Zhao-Chuanshao, diretor de assuntos internacionais do Ministério de Águas e Energia e vice-presidente do Comitê Nacional de Grandes Barragens da China, e os diretores do Brasilinvest debateram as possibilidades de uma ampla participação do Brasil no programa de obras hidrelétricas chines. Embora, um acordo inicial de US\$ 1,5 bilhão tenha sido considerado como o primeiro passo, os chineses consideram que o Brasil poderá construir várias usinas hidrelétricas em seu País.

A China, segundo informaram os membros da missão, pretende realizar, nos próximos anos, amplo programa de obras hidrelétricas e tem interesse em contratar os serviços de países como o Brasil, que podem importar produtos que as organizações chinesas precisam exportar.

Nas conversações, foram analisadas, ainda, as possibilidades de intercâmbio entre Brasil e China em diversas áreas, principalmente, operações casadas de exportações de bens e serviços, por parte do Brasil e exportação de petróleo pela China.

# Brasilinvest vai à China

por Rosi Mallet  
de São Paulo

O Brasil está negociando com a China um projeto de US\$ 1,5 bilhão para a construção, no vale do rio Yang Tze, de uma usina hidrelétrica completa ("turn-key"), com capacidade instalada nominal de 1,5 milhão de kW. A execução do projeto deverá ficar a cargo do Brasilinvest em associação com a Sade — Sul Americana de Engenharia e "uma das maiores empreiteiras nacionais de barragens", segundo informou a este jornal o diretor executivo para projetos especiais do Brasilinvest, Arnaldo Alencar Lima.

O diretor do Brasilinvest, que acompanhou as negociações mantidas ontem com os representantes do governo chinês, porém, preferiu não revelar o nome da empreiteira que deverá participar do consórcio, "pois o processo de associação ainda está em andamento". Contudo, este jornal, apurou que possivelmente a Construtora Andrade Gutierrez será a empresa responsável pelas obras civis da usina.

Independentemente do nome da empresa que se encarregará das obras civis, disse Alencar Lima, os encargos de cada um dos consorciados já estão definidos e tudo indica que as negociações se desenrolarão rapidamente: "Além da pressa dos chineses em tocar seu programa hidrelétrico, que prevê a construção, num prazo de dez anos, de apro-

ximadamente trinta usinas hidrelétricas, contamos também com o estímulo do Itamaraty para levar adiante o negócio". Este estímulo oficial, concorda o diretor do Brasilinvest, é compreensível. De um lado, existem razões políticas suficientes para, através de negociações na área econômica, acelerar ainda mais o processo de aproximação diplomática com a China. De outro, a necessidade de evitar que a balança comercial entre os dois países acabe, mesmo que a médio ou longo prazo, pendendo desfavoravelmente para o lado do Brasil, caso os acordos para a importação de petróleo venham a ser efetivados conforme o previsto.

Segundo disse Alencar Lima, a função do Brasilinvest nesse quadro, é facilitar os projetos econômicos entre os dois países, na medida do possível. Por esta razão foi reservada ao banco a função de coordenar o consórcio, administrar o projeto e providenciar o financiamento, que possivelmente será obtido no mercado internacional, dadas as condições extremamente favoráveis que existem atualmente: "Não faltam bancos americanos, ingleses, suíços, franceses ou holandeses dispostos a fornecer os recursos necessários à obra. Caso isso não seja possível, existe também a alternativa de se obter o financiamento no mercado interno, através do Banco do Brasil ou mesmo da Fina-me".

### **Brasilinvest na China**

Depois da hidrelétrica na China, o Brasilinvest estuda a viabilidade de montar um consórcio brasileiro para explorar o carvão chinês e trocar tecnologia por matéria-prima. Para a montagem da hidrelétrica, o Brasilinvest já selecionou a empreiteira Andrade Gutierrez e a Temag como parceiros no empreendimento.

19 DEZ 1979

COBRE

## Exploração de Carajás fica só com a iniciativa privada

As jazidas de cobre da serra dos Carajás, no Pará, serão entregues à iniciativa privada: a Docegeo, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), restringir-se-á à fase de pesquisas, informou o ministro das Minas e Energia, César Cals, em carta enviada ao deputado federal paraense Osvaldo Melo.

O ministro disse, segundo a Agência Estado, que uma avaliação definitiva do potencial econômico dos depósitos cupríferos só será possível em meados do próximo ano, com o aprofundamento das pesquisas iniciadas há dois anos. Mas as estimativas preliminares indicam que as jazidas devem conter um mínimo de 400 milhões a até 1 bilhão de toneladas de cobre, a um teor elevado, muito superior ao minério da Bahia.

Só este ano a Docegeo gastou 125 milhões de dólares na pesquisa, que em 1980 receberá 250 milhões. Mas a CVRD não deverá participar da exploração comercial do minério, mesmo através de subsidiária, porque sua área de atuação foi delimitada a ferro e alumínio.

"O governo restringir-se-á ao desenvolvimento das empresas estatais de mineração já existentes e somente tomará a seu cargo novos empreendimentos quando a iniciativa privada não se interessar pela sua execução", afirma César Cals.

**IMPORTAÇÕES**  
No caso do cobre de Cara-

jás, várias empresas, inclusive estrangeiras, já manifestaram publicamente o interesse de explorar o minério e é provável que a CVRD lhes venda seus direitos. Este ano o Brasil gastará 228 milhões de dólares com importações de cobre, que crescerão nos próximos anos mesmo que al-

guns projetos industriais, já definidos, comecem a funcionar. Em 1988, o Ministério das Minas e Energia prevê a necessidade de o Brasil importar 338 mil toneladas de cobre, que, a preços atuais, custarão ao País 490 milhões de dólares.

## Dobram as exportações japonesas

As exportações japonesas de cobre eletrolítico no ano fiscal de 1979 deverão ultrapassar 80.000 toneladas, mais do que o dobro das exportações do ano passado, devido a um agudo aumento nos embarques para os Estados Unidos, segundo afirmaram fontes comerciais à Agência Reuters.

Os embarques em outubro aumentaram para cerca de 9.000 toneladas e em novembro, para quase 18.000 toneladas, principalmente para os Estados Unidos, diante de uma média mensal de 2.900 toneladas no primeiro trimestre (abril-junho) do ano fiscal de 1979.

As exportações de cobre liberadas pela alfândega nos oito primeiros meses do ano fiscal de 1979 totalizaram aproximadamente 50.000 toneladas, incluindo-se 26.000 toneladas para os Estados Unidos.

As exportações de dezembro deverão aumentar para cerca de 20.000 toneladas, refletindo os preços mais altos

para o cobre no mercado internacional e a desvalorização do iene diante do dólar norte-americano, segundo as fontes.

Algumas refinarias japonesas de cobre estão tentando exportar o material para reduzir os crescentes estoques, após um declínio na demanda interna.

As fontes acreditam que as exportações de cobre, atualmente ativas, não venham a continuar nesse pé por muito tempo, já que é difícil para as fundições e casas comerciais japonesas prever o relacionamento da oferta-demanda em 1980.

### NOZAIRE

A produção de cobre no centro de mineração zaireense de Kolwezi deverá atingir 360.000 toneladas este ano, diante de 391.000 toneladas em 1978 e 450.000 toneladas em 1977, segundo afirmaram fontes da empresa estatal de mineração Gecamines (S.A. Général de Cassières et des Mines).

22 DEZ 1979  
A 26 DEZ 1979

COBRE

# As reservas da serra dos Carajás<sup>83</sup> chegam a 1 bilhão de toneladas

por Sérgio Danilo  
do Rio

O presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, ao realizar um balanço de atuação da empresa em 1979, informou que, depois de um ano de pesquisa, a Docegeco constatou a existência de 1 bilhão de toneladas de minério de cobre com teor de 4%, no jazimento de cobre da serra dos Carajás. Até há poucas semanas, a subsidiária para pesquisa mineral da CVRD previu a existência de uma reserva menor, cerca de 400 milhões de toneladas de minério.

A importância desta nova previsão está no fato de que, a partir deste anúncio, já é possível à Carajás Metais (subsidiária do BNDE) assinar um protocolo de intenções com a do Vale do Rio Doce, visando ao futuro abastecimento complementar de minério. A Carajás Metais vai necessitar de mais minério para produzir 140 mil toneladas de metal em 1981.

Batista confirmou estar disposto a ceder à empresa estatal de produção de cobre o volume necessário do minério. Para isso, aguarda apenas a devolução da "carta de intenções", hoje em poder do ministro César Cals, que sustou a assinatura do acordo, para poder opinar, segundo se informou, no setor mineral do Rio.

A Vale vai investir no ano que vem mais de Cr\$ 600 milhões na pesquisa mineral da serra dos Carajás, através da Docegeco, pois espera em 1980

delimitar novas reservas de manganês, bauxita, cobre e até mesmo produzir ouro como subproduto do cobre.

## EXPORTAÇÃO

Eliezer Batista confirmou também as previsões feitas por técnicos da empresa de que a exportação de minério de ferro pelo porto de Tubarão seria este ano de 63 milhões de toneladas. A CVRD vai exportar estas quantidades, além de abastecer 1,650 milhão de toneladas de minério "in natura" para a indústria de gusa e siderúrgicas nacionais.

A receita da empresa em 1979 será de 1,250 bilhão de dólares proveniente da venda de minério de ferro, exportações de bauxita e celulose. Para 1980, com os mesmos produtos, Batista prevê uma receita superior a 1,6 bilhão de dólares.

Batista guardará até o final desta semana um aumento de preços do ferro "in natura" e do "pellets" em torno de 20 a 25%, advogando também junto aos principais consumidores (Europa e Japão) a correção semestral de preços do minério de ferro, em razão da desvalorização do dólar e do aumento dos custos internos de produção.

## ENERGIA

O presidente da CVRD anunciou também que sua empresa vai economizar petróleo tanto na área de industrialização de "pellets" como nos motores dos caminhões pesados da empresa em Ita-

bira (MG). Ele revelou que a CVRD está substituindo o uso do óleo importado por carvão vegetal nas 6 usinas produtoras de "pellets" que mantêm com capital próprio (Tubarão, SC) associada ao capital estrangeiro. No caso da mina de Conceição (mina de ferro), a CVRD está ultimando, com apoio de uma empresa de consultoria canadense, a adaptação de uma "clave elétrica" nos motores dos caminhões pesados de transporte de minério que permite que os caminhões sejam movidos à energia elétrica, tornando-se "caminhões trolley". Serão convertidos 170 caminhões, usando energia elétrica da Cemig.

## BAUXITA

Batista disse que o Brasil precisa implantar logo uma

poderosa indústria de alumínio e industrializar ao máximo a sua bauxita. Ele informou que a intenção da CVRD, depois de ouvir os sócios estrangeiros da Mineração Rio do Norte, é a de implantar uma usina de produção de alumina (concentrado que faz o alumínio) em porto Trombetas. Tudo dependerá, segundo ele, do fornecimento de energia por Tucuruí. Sobre a viabilidade de implantar uma usina-piloto para produção de titânio em Tapira — MG, em áreas da Valep (subsidiária da CVRD), ele anunciou que, em janeiro, a Vale do Rio Doce vai investir 5 milhões de dólares para a montagem da usina, que utilizará o minério de anatásio. A CVRD é proprietária da mina.

## Braspetro quer furar na China

Uma missão da Braspetro negociará com o governo chinês, em abril próximo, a assinatura de um contrato para que a subsidiária da Petrobrás faça prospeções em busca de petróleo no território da China, sob regime de contrato de risco. A assinatura do acordo é considerada pelo governo brasileiro como "praticamente garantida".

As autoridades brasileiras pretendem iniciar este ano uma grande ofensiva para aumentar as exportações à China, ao mesmo tempo que a Petrobrás tentará conseguir a assinatura de um documento de fornecimento de mais petróleo ao Brasil, atualmente ao nível de 20 mil barris diários.

Como parte dessa estratégia, o chanceler Saraiva Guerreiro terá, ainda esta semana, uma audiência com o empresário Mário Garnero, que receberá um pedido para organizar e chefiar uma missão de empresários brasileiros a Pequim, possivelmente em março ou início de abril.

Ao mesmo tempo, virá ainda este semestre ao Brasil uma delegação do governo chinês, quando deverá acertar detalhes de novos contratos de importação de produtos brasileiros, entre eles açúcar, soja, tubos de aço sem costura e ferro gusa. O governo brasileiro já detectou interesse da China em adquirir armamentos brasileiros, especialmente carros de combate fabricados pela Engesa.

# Missão da Braspetro vai à China negociar risco

BRASILIA (O GLOBO) — A Braspetro deverá realizar prospecções de petróleo na China. Em abril, a empresa enviará missão para negociar a assinatura de um contrato de risco com o governo chinês. A assinatura do contrato é considerada pelo governo brasileiro como praticamente garantida.

As autoridades brasileiras pretendem iniciar este ano uma grande ofensiva, a fim de aumentar as exportações para a China. A Petrobrás tentará assinar um documento para aumentar o fornecimento de petróleo ao Brasil, que, atualmente, é de 20 mil barris diários.

O chanceler Saraiva Guerrero convidará, esta semana, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Mário

Garnero, para organizar e chefiar missão de empresários brasileiros a Pequim. A missão deverá viajar em março ou no início de abril.

Uma delegação do governo chinês, virá ao Brasil neste semestre, para acertar detalhes de novos contratos de importação de produtos brasileiros, entre os quais açúcar, soja, tubos de aço sem costura e ferro gusa.

O governo brasileiro notou ainda o interesse da China em adquirir armamentos brasileiros, especialmente carros de combate fabricados pela Engesa.

## HIDRELÉTRICAS

O Itamaraty e o Ministério da Indústria e do Comércio estão dando grande importância às perspectivas de comércio com a China, e vêm alertando grupos empresariais brasileiros com experiência na construção de hidrelétricas.

Os chineses pretendem construir no Yang Tse a maior hidrelétrica do mundo, e a experiência brasileira de Itaipu credencia os empresários nacionais para executar essa obra.

Do tímido acordo comercial Brasil-China, firmado em janeiro de 1978, o comércio dos dois países pode evoluir para mais de US\$ 500 milhões a médio prazo. Em 1978 o Brasil vendeu para os chineses cerca de US\$ 10 milhões. Além de açúcar e tubos de aço, o Brasil está exportando minério de ferro e soja em grão para a China.

O forte do comércio entre os dois países deverá ser o petróleo. No início do ano passado, quando veio ao Brasil uma delegação do governo chinês, ficou acertado que as vendas de petróleo ao Brasil poderiam evoluir dos 20 mil barris diários, dependendo das disponibilidades. A China não exporta grandes quantidades, apesar de ser um país de boa produção petrolífera.



### Missão de empresários à China

O presidente do Fórum das Américas, Mário Garnero, será recebido hoje pela manhã pelo chanceler Saraiva Guerreiro, em audiência especial, quando discutirá os detalhes a respeito do envio de uma missão de empresários à República Popular da China. Também tratará sobre a realização no mês de setembro, em São Paulo, de simpósios sobre a integração da iniciativa privada junto às fontes alternativas de energia e o apoio desta classe à mobilização energética continental. Após o encontro, Mário Gar-

nero falará à imprensa, às 11 horas.

Segundo seus assessores, o presidente do Fórum das Américas e da Anfavea tratará, ainda, da pauta a respeito da viagem de empresários brasileiros ao Chile em breve e, posteriormente, à Argentina (quando por ocasião do encontro entre os presidentes João Figueiredo e Jorge Videla), bem como de contatos que devem ser mantidos com empresários canadenses que se encontram no Brasil.

### Garnero promove missão à China

BRASÍLIA (Sucursal) — O empresário Mário Garnero, presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), esteve, ontem, com o chanceler Saraiva Guerreiro, no Itamarati, para comunicar a ida de uma missão empresarial à China, em maio próximo.

Mário Garnero pretende "uma posição mais agressiva do empresário para aumentar as vendas brasileiras no mercado internacional, propósito que se diferencia da recente iniciativa do governador Paulo Maluf, que foi ao Oriente Médio à frente de uma missão oficial, sem o caráter puramente empresarial". A comitiva que vai à China será integrada por 25 empresários, que procurarão novas formas de cooperação no setor de energia elétrica, prestação de serviços e siderurgia.

O chanceler Saraiva Guerreiro prometeu, durante o encontro com o presidente da Anfavea, o apoio do Itamarati através de seu departamento de promoção comercial e, também, da embaixada brasileira em Pequim.

No encontro com Saraiva Guerreiro, Mário Garnero apresentou o programa que será desenvolvido, em 1980, pelo Fórum das Américas — que reúne empresários do continente.

Observou que vinte empresários canadenses já se encontram em São Paulo para discutir a possível participação do Canadá no programa energético alternativo brasileiro, e que o calendário de eventos para este ano prevê a visita de cinquenta empresários ao Chile, em março próximo, ao Canadá, em outubro e, possivelmente, à Argentina.

Na viagem ao Chile estarão representados setores empresariais ligados à produção de alimentos, máquinas e ferramentas, têxteis, eletrodoméstico, reflorestamento, agro-indústria, energia, bens de capital, autopeças, montadoras, engenharia e serviços.

De acordo com Mário Garnero, o Fórum das Américas pretende também realizar, em setembro, reuniões destinadas a examinar as formas de cooperação a nível interamericano no campo energético. Estas reuniões terão o patrocínio da Organização dos Estados Americanos e tratam, especificamente, de um simpósio interamericano sobre o desenvolvimento tecnológico de fontes alternativas de energia, de um congresso sobre a livre iniciativa na mobilização energética continental e feira continental da agro-indústria energética.

## **Empresários brasileiros vão incrementar as exportações**

BRASILIA (AE-JSC) - O Forum das Américas vai enviar, ainda este ano, ao Chile, Argentina, Canadá e China, missões integradas por empresários brasileiros, com o objetivo de incrementar as exportações.

A informação foi dada ontem pelo presidente da Anfavea, Mário Garnero, após uma reunião de quase uma hora com o Ministro Saraiva Guerreiro, das Relações Exteriores.

Segundo Garnero, a primeira delegação de exportadores seguirá para o Chile em fins de março, e já em maio uma segunda embarcará para

a China, procurando colocar novos produtos brasileiros e conquistar novos setores de importação no mercado chinês. No encontro com o Chanceler Saraiva Guerreiro, Mário Garnero explicou, detalhadamente, as iniciativas que serão tomadas no âmbito interno do Forum das Américas, visando integrar o empresariado brasileiro na luta pela conquista de novos mercados.

Dentro dessa orientação, além das missões empresariais que seguirão para o exterior, o Forum das Américas vai realizar em setembro próximo, um simpósio intera-

mericano.

O local escolhido foi São Paulo e o encontro, que será promovido pela iniciativa privada, discutirá temas ligados à pesquisa de novas fontes alternativas de energia.

Da mesma forma que o simpósio realizado no ano passado, com o apoio da Organização dos Estados Americanos, o Forum das Américas pretende, este ano, reunir homens de negócios e técnicos de várias áreas e oriundos de vários países, para debater as possibilidades de implantar a, curto prazo, fontes capazes de substituir satisfatoriamente o petróleo.

## Missão vai incrementar exportações na China

BRASÍLIA - O Fórum das Américas vai enviar, ainda este ano, ao Chile, Argentina, Canadá e China, missões integradas por empresários brasileiros, com o objetivo de incrementar as exportações.

A informação foi dada ontem pelo presidente da Anfa-vea, Mário Garnero, após uma reunião de quase uma hora com o ministro Saraiva Guerreiro, das Relações Exteriores.

Segundo Garnero, a primeira delegação de exportadores seguirá para o Chile em fins de março, e já em maio uma segunda embarcará para a China, procurando colocar novos produtos brasileiros e conquistar novos setores de importação no mercado chinês.

No encontro com o chanceler Saraiva Guerreiro, Mário Garnero explicou, detalhadamente, as iniciativas que serão tomadas no âmbito interno do Fórum das

Americas, visando integrar o empresariado brasileiro na luta pela conquista de novos mercados.

Dentro dessa orientação, além das missões empresariais que seguirão para o exterior, o Fórum das Américas vai realizar em setembro próximo, um simpósio interamericano.

O local escolhido foi São Paulo e o encontro, que será promovido pela iniciativa privada, discutirá temas ligados à pesquisa de novas fontes alternativas de energia.

Da mesma forma que o simpósio realizado no ano passado, com o apoio da Organização dos Estados Americanos, o Fórum das Américas pretende, este ano, reunir homens de negócios e técnicos de várias áreas e oriundos de vários países, para debater as possibilidades de implantar a, curto prazo, fontes capazes de substituir satisfatoriamente o petróleo.

## Empresários vão à China Comunista

BRASILIA — (FT) — Numa tentativa de ajudar o Governo nos seus esforços de incremento das exportações brasileiras, o empresário Mário Garnero, presidente da Anfavea, esteve ontem com o chanceler Saraiva Guerreiro, no Itamarati, comunicando a visita de missão empresarial à China Comunista em maio próximo.

Mário Garnero pretende "uma posição mais agressiva do empresário no esforço governamental de aumentar as vendas brasileiras no mercado internacional, propósito que se diferencia da recente iniciativa do governador de São Paulo que foi ao Oriente Médio à frente de uma missão oficial sem o caráter puramente empresarial."

A comitiva que vai à China será integrada por 25 empresários para buscar novas formas de cooperação no setor de energia elétrica, prestação de serviços e siderurgia.

O chanceler Saraiva Guerreiro prometeu, durante o encontro com o presidente da Anfavea, o apoio do Itamarati através de seu Departamento de Produção Comercial e, também, da embaixada brasileira em Pequim.

### AGENDA EXTERNA

No encontro com o chanceler Guerreiro, Mário Garnero apresentou o programa que será desen-

volvido em 1980 pelo Fórum das Américas — que reúne empresários do continente.

Mostrou que 20 empresários canadenses encontram-se em São Paulo para discutir a possível participação do Canadá no programa energético alternativo brasileiro, e que o calendário de eventos para este ano prevê a visita de 50 empresários ao Chile, em março próximo, ao Canadá, em outubro e, possivelmente, à Argentina.

Na viagem ao Chile estarão representados setores empresariais ligados à produção de alimentos, máquinas e ferramentas, têxteis, eletrodomésticos, reflorestamento, agroindústria, energia, bens de capital, autopeças, montadoras, engenharia e serviços.

Disse Mário Garnero que, o Fórum das Américas pretende também realizar, em setembro, reuniões destinadas a examinar as formas de cooperação a nível interamericano no campo energético. Estas reuniões terão o patrocínio da Organização dos Estados Americanos (OEA) e tratam, especificamente, de um simpósio interamericano sobre o desenvolvimento tecnológico de fontes alternativas de energia; congresso sobre a livre iniciativa na mobilização energética continental e feira continental da agroindústria energética.

### ***Missão econômica vai à China***

O empresário Mário Garnero, presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), esteve, com o chanceler Saraiva Guerreiro, no Itamarati, para comunicar a ida de uma missão empresarial à China, em maio próximo.

Mário Garnero pretende "uma posição mais agressiva do empresário para aumentar as vendas brasileiras no mercado internacional, propósito que se diferencia da recente iniciativa do Governador Paulo Maluf, que foi ao Oriente Médio à frente de uma missão oficial, sem o caráter puramente empresarial". A comitiva que vai à China será integrada por 25 empresários, que procurarão novas formas de cooperação no setor de energia elétrica, prestação de serviços e siderurgia.

O chanceler Saraiva Guerreiro prometeu, durante o encontro com o presidente da Anfavea, o apoio do Itamarati através de seu departamento de promoção comercial e, também da embaixada brasileira em Pequim.

### EXPORTAÇÕES

## Missão da China Popular visita o Brasil a convite da Engesa

por Gláucia da Mata Machado de Brasília

Uma delegação chinesa, composta de 11 pessoas e chefiada pelo diretor do Departamento de Planejamento de Equipamentos do Ministério da Defesa Nacional, Zhang Ping, chega ao Rio de Janeiro dia 15 de fevereiro, segundo anunciou ontem, em Brasília, o porta-voz do Itamaraty, conselheiro Bernardo Péricas.

Eles permanecem no Brasil até o dia 7 de março e visitarão Brasília, São Paulo, Foz do Iguaçu, São José dos Campos, Salvador e Juiz de Fora. "Não se trata, propriamente, de uma visita de caráter oficial, porque o convite partiu da empresa Engesa, mas a delegação chinesa manterá contatos com representantes do governo brasileiro", disse Péricas.

A programação está sendo organizada pela Engesa, mas Péricas disse que "há, também, a participação do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty".

Das 11 pessoas que integram a delegação chinesa, a maioria, conforme afirmou o porta-voz da chancelaria, é ligada ao setor de armamentos na China e "há vários militares na delegação". Quanto ao interesse que podem ter na compra de armamentos, Péricas disse que a posição do governo brasileiro é a de que "cada proposta específica formulada por empresa brasileira para venda, ou de qualquer país estrangeiro para compra, é examinada pelo governo brasileiro".

#### "NADA A OPOR"

No entanto, acrescentou, não foi submetida ainda ao governo qualquer operação de venda — à qual, em tese, o governo nada tem a opor. Ele admitiu a hipótese de negociação entre os dois governos, já que "houve a concordância para a vinda e para o estabelecimento de contatos entre a missão e representantes dos setores envolvidos".

Quanto à viagem a Foz do

Iguaçu, ele acredita que seja para uma visita ao canteiro de obras da Itaipu Binacional. Mas, afirmou, "não sei se há pessoas ligadas a hidrelétricas na delegação chinesa". O adido de imprensa da embaixada — Hsiao Szu-Chin — disse que nenhum contrato deverá ser assinado durante a visita, pois o seu país "está em fase de reajustamento".

## Comitiva do Brasilinvest terá 20 membros

por S. Stéfani de São Paulo

Oito empresários já confirmaram sua presença na comitiva que o Brasilinvest está organizando para viajar à China, em maio próximo. Eles representam, em sua maioria, empresas de engenharia e fabricantes de bens de capital. Não há, ao menos por enquanto, qualquer representante das empresas produtoras de bens de consumo duráveis.

"E nem seria aconselhável", disse, ontem, Mário Garnero, presidente do Brasilinvest. "Em se tratando de bens de consumo duráveis, os chineses estão encomendando, atualmente, quantidades tão grandes que dificilmente uma empresa brasileira teria condições de atender."

A comitiva, no total, segundo a autorização concedida pelo governo chinês, será composta por vinte membros. São os seguintes os que já confirmaram (nos parênteses, o nome das empresas): Paulo Villares (Ind. Villares), Ricardo Bertoline (Coemsa), Shapoor Monadgesa (Interco), Socrate Matoli (Sade Engenharia), Warner Zampieri (Brown Boveri), Henrique Herweg (Themag Engenharia), Horácio Sabino Coimbra (Cacique de Café Solúvel) e Affonso de Lima Vitulle (Vale do Embaúba Reflorestamento).

O Estado de São Paulo  
18103180

## **A proposta: explorar o cobre chileno**

**CRISTINA PINHEIRO MACHADO**  
Enviada especial

**SANTIAGO** — Os 45 empresários brasileiros que discutem com o governo chileno a intensificação das relações entre os dois países vão propor ao presidente João Figueiredo a criação de uma associação de capitais de US\$ 1,5 bilhão para extrair e comercializar o cobre da mina de El Albra. A proposta da Companhia de Desenvolvimento do Cobre prevê a extração anual de 150 a 200 mil toneladas, que seriam processadas no Brasil. O ministro chileno da Fazenda, Sergio de Castro, explicou que será fácil concretizar esta negociação, porque seu país dá total abertura ao comércio exterior.



# Brasil-Chile: uma proposta sobre cobre

CRISTINA PINHEIRO  
MACHADO  
Enviada especial

Uma associação de capitais entre o Brasil e o Chile, envolvendo aproximadamente 1,5 bilhão de dólares para extrair e comercializar o cobre da mina "El Albra" (uma das maiores reservas chilenas) é a primeira proposta que os 45 empresários brasileiros, que se encontram em Santiago para intensificar as relações comerciais entre os dois países, levarão ao governo brasileiro. A proposta foi feita pela Companhia de Desenvolvimento do Cobre, por intermédio de seu presidente, Daniel Arancibia, que pretende extrair entre 150 e 200 mil toneladas por ano de barras condensadas de cobre da mina "El Albra", para serem processadas, numa segunda etapa, no Brasil. Esse volume corresponde ao total anual das importações brasileiras de cobre, que atingem o valor aproximado de 200 milhões de dólares por ano.

Para o presidente da Confederación de la Producción Y del Comercio do Chile, Manuel Valdez, esse empreendimento e outros, que estão sendo estudados pelos empresários dos dois países, demandarão a participação de ambos os governos e possivelmente associação com um terceiro país. No caso do cobre, o coordenador da missão empresarial ao Chile e presidente do Fórum das Américas, Mário Garnero, sugere associação com os Estados Unidos ou o Canadá, que já detêm tecnologia no setor.

Garnero adiantou ontem que os empresários chilenos têm-se mostrado receptivos a "joint-ventures" nos setores da agroindústria, bens de capital, serviços, construção civil (a Oderbrecht assinará no próximo dia 24 contrato no valor de 27 milhões de dólares para a construção de uma hidrelétrica no Chile) e automobilístico (a Gurgel está estudando proposta para montar veículos no Chile).

A intenção dos empresários, conforme explicaram Garnero e Manuel Valdez, é unir forças para entrar em outros mercados: pelo Chile, os brasileiros poderiam colocar seus produtos nos países do Pacífico. E os chilenos, através do Brasil teriam possibilidade de disputar o mercado africano.

O Estado de São Paulo  
18/03/80

# Intercâmbio comercial Brasil-China

**FREDERICO HELLER**

Como os demais países comunistas, a República Popular da China não tem nenhum preconceito doutrinário em suas relações econômicas e comerciais. Devido ao imperialismo russo que constantemente ameaça a China, este país se esforça por diversificar, geograficamente, seu intercâmbio comercial. Trata-se de uma grande oportunidade para o Brasil.

Adquirimos da China, anualmente, petróleo no valor de 200 milhões de dólares, conseguindo efetuar as transações a preços muito vantajosos. Por outro lado, o valor de nossas vendas à República Popular da China chega a aproximadamente 120 milhões de dólares, especialmente minério de ferro. Entretanto, há da parte de Pequim, a firme

vontade de aumentar as compras no Brasil, principalmente de folhas de flandres, chapas de ferro, ferro redondo. A médio prazo, espera-se a majoração substancial de nossas vendas de produtos industrializados à China. Mas do ponto de vista do governo da China e, também, nosso seria desejável um crescimento substancial de nossas vendas de produtos agropecuários, para os quais a China constitui o maior mercado do mundo.

Outra grande chance comercial é a venda de serviços. Quanto a isso, basta lembrar nossas grandes experiências em obras hidroelétricas e o seu funcionamento. Nesse aspecto, a República Popular da China está hoje num estágio em que estávamos há 40 anos. Por isso, Pequim está muito

interessado em assimilar as nossas técnicas.

Dentro de poucas semanas irá a Pequim uma missão comercial brasileira, presidida por Mário Carneiro, personalidade intimamente ligada à indústria de automóveis e caminhões. Espera-se, dessa iniciativa, uma elevação dinâmica de nossas vendas de produtos manufaturados. De fato, as relações da Eletrobrás e da Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras com a República Popular da China são bastante boas. Trata-se de mais uma oportunidade no sentido de expandir as relações econômicas e financeiras entre os dois países.

O único problema objetivo que existe é a grande distância geográfica entre os dois países. Mas tanto o governo de Brasília e de Pequim como os banqueiros, industriais e comerciantes do Brasil e da China têm, até agora, feito tudo para diversificar e, com isso, ampliar o intercâmbio comercial. Aliás, são os experientes bancos suíços que insistem nas grandes e crescentes oportunidades que o mercado chinês oferece. E Pequim está especialmente interessado no intercâmbio comercial cada vez maior com o Brasil, por faltarem, neste caso, felizmente, quaisquer implicações ou segundas intenções políticas.

# Governo analisará capital externo no programa do álcool

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O governo já tem subsídios técnicos para analisar a entrada de capitais estrangeiros na exploração do álcool como fonte de energia. A pedido da Seplan, três comissões analisaram os aspectos financeiros e comerciais, industriais e agrícolas da questão, que será debatida, na próxima semana, pelos secretários-gerais dos ministérios envolvidos no estudo.

Entre outros itens os técnicos desaconselham a formação de "joint-ventures" nos investimentos do setor industrial, para evitar o deslocamento de empresários nacionais, já comprometidos com o Pro-álcool, para o novo empreendimento. Além disso, são contrários à participação de mão-de-obra estrangeira no projeto industrial, "salvo a necessária e razoável à participação gerencial e técnica de representantes dos investidores". Vedam, ainda, a alienação de terras aos grupos estrangeiros interessados, "exceto pequena extensão por projeto, para fins experimentais ou produção de mudas".

Segundo o relatório, o projeto agrícola deverá ser executado por empresas nacionais, "por meio de um esquema de assentamento dirigido de mão-de-obra, integral ou complementar, dependendo da estrutura produtiva já existente no local". Mas os investimentos "serão cobertos, preferencialmente, por financiamentos externos". Os investimentos no setor industrial devem ser cobertos por capital de risco.

Os técnicos recomendam, também, a restrição dos projetos às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste para que as regiões Sul e Sudeste fiquem reservadas "à produção de alimentos e álcool exclusivamente para consumo interno".

A produção desses projetos "será destinada à exporta-

ção", mas o relatório aconselha que seja facultada ao governo brasileiro a aquisição de parte dessa produção, para consumo interno, alegando, para tanto, "o atendimento de necessidades regionais e nacionais, a luz da conjuntura vigente no momento". A exportação, no entanto, teria como destino o mercado interno do país investidor, sendo recomendado o controle sobre os volumes de álcool exportado.

Quanto ao preço do produto, segundo os técnicos, o governo deve estabelecer um preço de referência, "que leve em consideração os preços dos derivados de petróleo no mercado internacional", bem como uma tributação "que permita a equiparação da rentabilidade do empreendimento estrangeiro àquela permitida aos produtores nacionais" e possibilite a "geração de recursos para a aplicação em programas nacionais de substituição de derivados de petróleo". O relatório recomenda, ainda, que seja evitada a importação de tecnologia.

## PREÇO

O ministro Camilo Penna, da Indústria e do Comércio, disse ontem que está estudando com o ministro Delfim Netto, do Planejamento, uma forma de aumentar a remuneração aos produtores de álcool, podendo optar entre três mecanismos: desvincular o preço do álcool do preço do açúcar; aumentar o preço do açúcar; ou modificar a paridade que atualmente está em 39 litros de álcool por 60 quilos de açúcar para 37,5 litros de álcool por 60 quilos de açúcar, conforme pretendem os produtores.

Técnicos do setor consideram que o governo, para aumentar a remuneração dos produtores de álcool, deverá optar pelo mecanismo de aumentar o preço do açúcar, mantendo o mesmo sistema da paridade.

Folha de S. Paulo 29/03/80

### Energia

Mário Garnero, presidente da Brasilinvest S/A, informa a realização de um congresso interamericano da livre iniciativa sobre as fontes alternativas de energia. Paralelamente ao congresso, haverá um simpósio interamericano referente ao desenvolvimento dessas fontes e a 1.ª feira interamericana da indústria energética.

Esse evento se realizará de 2 a 5 de setembro, no Anhembi, e será patrocinado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Fórum das Américas. Contará com a participação de quase 3000 empresários e ministros de Energia e Planejamento de diversos países americanos.

# China enviará ao Brasil sete missões comerciais este ano

BRASILIA (O GLOBO) — A República Popular da China enviará sete missões ao Brasil no segundo semestre deste ano para negociar contratos de exportação e importação, enquanto o governo e empresários brasileiros se preparam para ir a Pequim nos próximos meses.

O cronograma de visitas de delegações chinesas já transmitido ao Itamaraty indica a vinda de grupos de sete grandes corporações estatais nos seguintes setores: compra de produtos siderúrgicos brasileiros, importação de tubos de aço e outros produtos do gênero produzidos no Brasil, exportação de produtos alimentícios e conservas chinesas, venda de produtos químicos com ampla demanda no Brasil, compra de materiais de transportes fabricados no Brasil, importação de maquinário brasileiro em geral e exportação de produtos chineses de origem animal.

A Minmetals, a China National Foreign Trade (Zongwaiyun), a Machimpex e a Tuhsu são algumas das empresas estatais que se preparam para a realização de um amplo trabalho de compra e venda com o Brasil e de um levantamento das possibilidades de mercado para uma vasta gama de produtos fabricados nos dois países.

A Siderbrás, o Conselho de Não-Ferros e Siderurgia-Consider, a Vale do Rio Doce e a Petrobrás — pelo lado governamental — a Figueiredo Ferraz e um grupo de vários setores liderados pelo Brasilinvest integram uma grande relação de empresas brasileiras interessadas em enviar delegação à China Popular, a exemplo do que já foi feito recentemente pela Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), Confederação Nacional da Indústria (CNI), Hidroservice e The-mag Engenharia.

### SEMINARIOS

O grupo Figueiredo Ferraz, de São Paulo, pretende realizar no segundo semestre deste ano, em Pequim, um seminário sobre transporte e energia, havendo no momento sondagens para que as delegações brasileiras venham a ser chefiadas pelo vice-presidente da República, Aureliano Chaves, e pelo ministro dos Transportes Eliseu Resende.

O Brasilinvest, presidido pelo empresário Mário Garnero, está se preparando para levar à China uma numerosa delegação reunindo representantes de empresas dos mais variados setores econômicos.

Segundo informação de fonte diplomática, o dinamismo nas trocas de missões que já ocorre há algum tempo, é um indicador de que o intercâmbio com a China, após cinco anos de restabelecimento de relações diplomáticas, começa a entrar numa fase de maturidade. A ampliação dos contatos, conforme especialistas, é fundamental para que o Brasil garanta uma presença significativa na disputa

com os japoneses. O Japão chegou a enviar, em um ano, cerca de 10 mil empresários à China. Conta com numerosas vantagens em relação ao Brasil, entre elas a proximidade geográfica que assegura um custo reduzido dos transportes.

Embora a República Popular da China tenha moderado os seus níveis de crescimento em relação às ambiciosas metas dos Planos de 1976, o governo chinês está promovendo uma abertura sem precedentes no seu comércio exterior. Por enquanto, o volume do comércio chinês com o resto do mundo é apenas equivalente ao de Hong Kong, cidade com um por cento da população chinesa. Fontes do Itamaraty apontam essa situação para que se compreenda o quanto há de futuro em negociar com um país que até agora manteve-se fechado ao exterior, mas que se propõe a abrir as suas portas para um comércio pragmático e isento de qualquer interferência ideológica.

Dentro desse quadro, o Brasil encontra-se numa posição de importante fornecedor de minério de ferro, produtos siderúrgicos e tecnologia em vários setores, além de ser um competitivo fornecedor de produtos primários. O comércio entre o Brasil e a China só não teve ainda um grande impulso, segundo estudiosos, em virtude da incapacidade dos portos chineses. O transporte do minério de ferro brasileiro, por exemplo, é feito com transbordo nas Filipinas, já que os portos chineses não aceitam navios de grande porte.

E no setor de serviços que estão reservadas as maiores possibilidades do momento, uma vez que existem limitações práticas para a ampliação da venda de minério de ferro é das importações do petróleo chinês. Os chineses querem, por exemplo, importar até 2 milhões de toneladas de minério de ferro brasileiro, mas o Brasil não está conseguindo ultrapassar o nível de 750 mil. O transporte sai a preço elevado e a Austrália acaba apresentando melhores ofertas. No setor de petróleo, a esperança é de que a Petrobrás efetive a sua participação nas prospecções no território chinês, através do sistema de contrato de risco. O próprio desconhecimento de suas jazidas faz com que os chineses relutem em ampliar as exportações para o Brasil. Mesmo assim, elas já foram dobradas de 10 mil barris/dia para 20 mil barris, havendo a promessa de que se chegue em breve a 30 mil barris/dia.

Existe a possibilidade de que o Brasil venha a negociar com a China um verdadeiro "pacote hidrelétrico", dentro das oportunidades que estão se definindo no setor de serviços. Os chineses pretendem construir uma hidrelétrica com o dobro da potência de Itaipu. No campo dos transportes o Brasil também poderá participar, seja no fornecimento de material seja no reaparelhamento completo dos portos chineses.

### EXPORTAÇÕES

# A maturidade nos...

por José Casado  
de São Paulo  
(Continuação da 1ª página)

Mário Garnero, chefe da missão comercial brasileira que visitará Pequim, Xangai e Cantão, a partir da próxima semana, define o caráter dessa delegação como "exploratório". Mas entre seus integrantes há os que demonstram segurança quanto aos prováveis resultados dessa investida. É o caso de Cláudio Regina, diretor da Companhia Americana Industrial de Ônibus (CAIO), uma empresa que está destinando 25% de sua produção de carrocerias de ônibus ao mercado externo. Ele entende que "um mercado com 565 milhões de pessoas economicamente ativas não deve ser desprezado pelo Brasil, nesse momento".

Cláudio Regina vai à China com uma proposta: vender

ônibus aos chineses — ele constituiu um consórcio com fabricantes de chassis. "Porém, se não der certo, há a alternativa da transferência de tecnologia", comenta. De acordo com o diretor da CAIO, isso seria viável através da formação de uma "joint-venture" com uma estatal chinesa.

#### APREOCUPAÇÃO

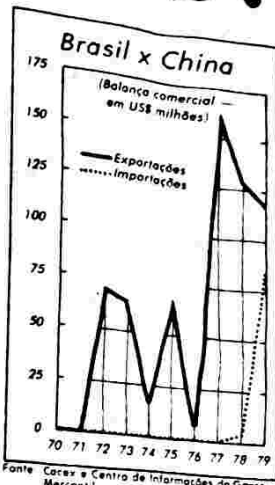
O elenco de negócios possíveis, na pauta de comércio Brasil-China, cresceu bastante nos últimos meses. Há uma evidente preocupação dos dois governos: do lado brasileiro, porque, além das características específicas do mercado chinês, o ano de 1979 foi marcado por um declínio de 8,5% em suas exportações para aquele país (totalizaram US\$ 118,3 milhões, no ano passado), quando no período 1972/1978 haviam crescido à taxa média de 10,2% ao ano.

Do lado chinês há, também, e a melhor prova disso é que, no ano passado, as vendas ao Brasil cresceram 20 vezes, em relação a 1978.

Há dois anos, o Brasil mantinha um saldo líquido favorável, em sua balança comercial com a China, da ordem de US\$ 125,3 milhões. No ano passado, quando as importações brasileiras de produtos chineses totalizaram US\$ 83,8 milhões, o saldo líquido favorável ao Brasil caiu para US\$ 34,5 milhões — uma queda de 72% em apenas 12 meses.

Até dezembro, o Zongwaiyun deverá enviar ao Brasil sete missões comerciais. O objetivo dessas missões, de acordo com seus programas de visitas já encaminhados ao Itamaraty, é duplo: importar e exportar.

Nessas delegações, que começarão a desembarcar a partir de junho próximo em



Fonte: Corex e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

Brasília, Rio e São Paulo, devem estar representando da Minmetals, Machimpex e Tuhsu, corporações estatais chinesas que já comunicaram a algumas empresas brasileiras seu interesse em importar tubos de aço-carbono, ferro-nióbio, e serviços de engenharia para dois importantes ramais ferroviários, o de Pequim-Guangzhou (norte-sul) e de Lanzhou-Lhaca (leste-oeste). Os chineses querem, também, vender ao Brasil produtos químicos e farmacêuticos. Dentro desse último grupo de produtos, os chineses acreditam, sobretudo, na possibilidade de comercializar a sua raiz de ginseng, de largo espectro de aplicação terapêutica.

Alguns canais de comércio já estão efetivamente abertos. A Vale do Rio Doce aumentou para 1 milhão de toneladas suas exportações de minério de ferro para a China, neste ano. A Persico Pizamiglio está vendendo 30 mil toneladas de tubos de aço-carbono, o dobro de 1979. A Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia (CBMM) está negociando, para 1981, exportações de ferro-nióbio. E a Matarazzo Trading, representante da indústria química chinesa no mercado brasileiro, já está fazendo um levantamento do potencial de compra da indústria química e farmacêutica nacional.

# A maturidade nos negócios com a China

por José Casado  
de São Paulo

As relações comerciais do Brasil com a República Popular da China, oficialmente inauguradas em 1978 por um acordo bilateral, começam a atingir um estágio de maturidade. Cresce o tráfego de empresários, técnicos e diplomatas entre Brasília e Pequim e ampliam-se as perspectivas de concretização de bons negócios a curto e médio prazos.

Na próxima semana segue uma delegação de 16 empresários brasileiros, coordenada pelo Itamaraty e pelo grupo Brasilinvest, de São Paulo, atendendo a um convite formal do Zongwaiyun, o conselho de exportadores da China. Esta será a terceira missão brasileira àquele país, no curto espaço de 18 meses.

Do lado chinês, também, manifesta-se firme disposição para o estudo de formas de viabilização de uma parceria comercial: o governo da China obteve a aprovação do governo brasileiro para enviar ao País, até dezembro, nada menos do que sete missões comerciais.

Todas essas missões apresentam uma pauta de negociações muito diversificada. E que não deixa de incluir o exame de alguns empreendimentos, sem dúvida, muito importantes para o futuro das relações bilaterais.

É o caso da missão brasileira que vai a Pequim, na

próxima terça-feira. Nela estão representantes de um consórcio constituído pela Sade Sul Americana de Engenharia, Themag Engenharia, Tenenge S.A. e Brasilinvest, cujo objetivo explícito é negociar o fornecimento à China de sistemas de transmissão de extra-alta-voltagem e de serviços de engenharia em projetos hidrelétricos. Essas empresas têm apresentado boa performance na exportação de serviços — venderam US\$15 milhões, cada uma, no ano passado — para países da América Latina, América Central e África.

Porém, esta não é a primeira vez que sondam o mercado chinês. Henrique Herveg, representante do consórcio na missão e diretor da Themag Engenharia, recém-chegado de Pequim, e Miracyr Marcato, diretor da Sade, chegaram à conclusão de que "existem boas chances de participação de empresas brasileiras no projeto hidrelétrico de Yan-Tsé".

Em seus contatos preliminares com membros do governo chinês, há um mês, Herveg constatou que a construção de uma hidrelétrica no rio Yan-Tsé, até meados desta década, é considerada obra prioritária para investimentos. A usina deverá ter capacidade de 25 mil megawatts, o que é o dobro da potência de Itaipu.

(Continua na página 9)

# BRASILINVEST

## ASSESSORIA DE IMPRENSA

FOLHA DA TARDE  
VEICULO

LOCAL: SP

DATA: 26.4.80 ASSUNTO: CHINA

PÁGINA: 09

• Dia 29, vinte empresários brasileiros, entre os quais o sr. Cláudio Regina, representante da Companhia Americana Industrial de Onibus, CAIO, seguirá para Pequim numa viagem comercial. O sr. Mário Garnero, presidente da Associação Nacional dos Veículos Automotores será coordenador da caravana composta de empresários de diferentes ramos de atividades que viajam para a China em busca de melhores recursos para ampliação do mercado comercial daquele país como o Brasil.



### Chile quer capital brasileiro em El Abra

Durante audiência concedida à recente missão empresarial brasileira que esteve no Chile, o general Augusto Pinochet reiterou o convite para a constituição de uma empresa binacional para a área mineral, que contaria com a participação da iniciativa privada brasileira. Segundo Mário Garnero, que chefiou a missão, o intercâmbio comercial entre os dois países chegou a US\$ 750 milhões, com um déficit para o Brasil de aproximadamente US\$ 50 milhões por causa das importações de cobre, que somam atualmente US\$ 250 milhões. Diante disso, Pinochet propôs particularmente a criação de uma empresa binacional para extração e concentração de cobre da mina de El Abra com recursos brasileiros. Os empresários brasileiros, por sua vez, propuseram a instalação de uma indústria chileno-brasileira em território do Brasil para produção de alumínio, cuja matéria prima, bauxita, não é encontrada no Chile. Com recursos parcialmente chilenos, a usina produziria alumínio para ser manufaturado no Chile. Os investimentos para tal projeto seriam da ordem de US\$ 250 milhões, bem abaixo do necessário a uma indústria de cobre — cerca de US\$ 1,5 bilhão. A proposta dos empresários brasileiros foi bem recebida no Chile.

*Durante audiencia concedida a la reciente misión empresarial brasileña que estuvo en Chile, el General Augusto Pinochet reiteró el convite para la constitución de una empresa binacional en el sector mineral, que contaria con la participación de la iniciativa privada brasileña. Según Mario Garnero, que comandó la misión, el intercambio comercial entre los dos países llegó a 750 millones de dólares con un déficit para el Brasil de aproximadamente 50 millones por causa de las importaciones de cobre, que suman en la actualidad 250 millones de dólares. Ante esto Pinochet, propone particularmente la creación de una empresa binacional para extracción y concentración de cobre en la mina El Abra con recursos brasileños. Los empresarios brasilenos por su vez propusieron, la instalación*

*de una industria chileno-brasileña en territorio del Brasil, para producción de aluminio, cuya materia prima, bauxita, no es encontrada en Chile. Con recursos parcialmente chilenos, la usina produciría aluminio para ser manufaturado en Chile. Las inversiones para este proyecto serían alrededor de 250 millones de dólares, bien más barato que la instalación de una industria de cobre, cerca de 1,5 billon de dólares. La proposición de los empresarios brasileños fue bien aceptada por los chilenos.*

# China coloca a missão brasileira em alto nível

Gerardo Mello Mourão,  
de Pequim

Chegou a Pequim na noite de sábado o grupo de homens de negócios, da missão Brasilinvest. A delegação do Brasil, chefiada pelo líder empresarial Mário Garnero, presidente do Brasilinvest, é a primeira que chega à China depois do acordo bilateral de comércio entre os dois países, que aqui também realizou, em março último, a primeira reunião de sua comissão mista.

Os negócios entre o Brasil e a China estão marcados por uma lentidão sistemática, que o sr. Mário Garnero decidiu romper, numa data simbólica. Este ano celebra-se o centenário da vinda da primeira delegação brasileira à China, negociada em Paris em 1880, pelo conselheiro Calado, com o então legado do Celeste Império na França.

Foi preciso, assim, que se passassem cem anos para que uma "bandeira" de paulistas viesse aqui tentar abrir uma picada brasileira na selva, para nós praticamente virgem, do mundo de negócios da China, embora com um "handicap" de tempo que não está a nosso favor. Pois, desde a queda do Bando dos Quatro, em 1976, está todo mundo aqui querendo fazer a China, como antigamente se fazia a América.

Enquanto os negócios bilaterais da China com os Estados Unidos chegaram a cerca de 2 bilhões de dólares, os do Japão foram a mais de 4 bilhões, e outros países também apresentam cifras significativas, como a França, a Alemanha, a Itália, a Inglaterra, a Austrália, o Canadá, a Bélgica, a Malásia, Singapura e - last not least - Hong Kong, com mais de 2 bilhões de dólares de exportação, o Brasil vem marcando passo aqui com pequenos negócios de fim de feira. Afora os 200 milhões de dólares de petróleo que compramos à China e os 100 milhões da linha de crédito aberta ao Bank of China pelo Banco do Brasil, o resto é dinheiro miúdo. A Vale do Rio Doce e a Siderbrás beliscaram o mercado, há umas sondagens de vendas de serviços, o Horácio Coimbra colocou com dificuldade umas latinhas de café solúvel, compramos uns pares de milhões de dólares de produtos químicos e farmacêuticos, e é só.

O embaixador Aluísio Napoleão, que fundou a embaixada em Pequim e que é hoje um verdadeiro sinólogo e um sábio conhecedor do terreno em que pisa, observava-me uma vez que é assim mesmo. Os chineses não fazem nada antes de haver um protocolo firmado. O que é natural, pois ninguém entra num jogo, sem antes fixar as regras. Essas regras foram firmadas no primeiro trimestre deste ano pelo governo brasileiro, quando aqui esteve, para a primeira reunião da comissão mista Brasil-China, o ministro Azambuja, do Departamento da Ásia do Itamarati, que, com sua equipe e com o então encarregado de negócios do Brasil em Pequim, ministro Hélcio Pires, fincou brilhantemente nossa lança na Ásia.

Mas negócio mesmo, que é bom, não saiu nada ou quase nada. E claro que o Itamarati não trata de compras nem de vendas, e fez o que tinha que fazer: criou a estrutura do acordo bilateral, colocou os trilhos na estrada. De resto, a embaixada aqui é pequena, dispõe apenas, além do embaixador, de dois diplomatas - um ministro e um conselheiro. Não possui escritório comercial e, excluídos os diplomatas, não há pessoal capacitado e suficiente para esse tipo de trabalho.

Por outro lado, salvo algumas exceções ainda

em que pisa, observava-me uma vez que é assim mesmo. Os chineses não fazem nada antes de haver um protocolo firmado. O que é natural, pois ninguém entra num jogo, sem antes fixar as regras. Essas regras foram firmadas no primeiro trimestre deste ano pelo governo brasileiro, quando aqui esteve, para a primeira reunião da comissão mista Brasil-China, o ministro Itamarati, do Departamento da Ásia do Itamarati, que, com sua equipe e com o então embaixador de negócios do Brasil em Pequim, ministro Hélio Pires, ficou brilhantemente nossa lança na Ásia.

Mas negócio mesmo, que é bom, não saiu nada ou quase nada. É claro que o Itamarati não trata de compras nem de vendas, e fez o que tinha que fazer: criou a estrutura do acordo bilateral, colocou os trilhos na estrada. De resto, a embaixada aqui é pequena, dispõe apenas, além do embaixador, de dois diplomatas — um ministro e um conselheiro. Não possui escritório comercial e, excluídos os diplomatas, não há pessoal capacitado e suficiente para esse tipo de trabalho.

Por outro lado, salvo algumas exceções ainda não coroadas de êxito, nossos negociadores ainda têm chegado à China pertencendo às empresas que são vendedoras de cabresto — empresas que têm velocidade e o jogo de cintura dos cobras do mercado internacional, os "china-traders" do Japão, da Europa e dos Estados Unidos.

A missão Mário Garnero traz, pela primeira vez depois do convênio (outras passaram por aqui, mas ainda não havia o convênio), uma equipe de empresários que têm o que oferecer, sabem como oferecer e são donos da bola que chutam. Podem discutir, transigir, encontrar alternativas para suas propostas — isto é, negociar — coisa que os vendedores estatais não podem fazer, e que é, afinal, o privilégio e o "savoir-faire" da iniciativa privada.

Os "china-traders" com que tenho cruzado aqui costumam dizer que a maior mercadoria que se vende na China é a pechincha. A pechincha, que não existe aqui no comércio de lojas, é uma verdadeira instituição para os compradores oficiais da República Popular. Na verdade, em termos de "marketing" ocidental, você não vende nada aos chineses. Os chineses é que compram de você.

O sr. Mário Garnero veio exclusivamente equipado. Além dos diretores de três dos maiores jornais brasileiros — Boris Casoy, da "Folha", Evandro Carlos de Andrade, de "O Globo", e Miguel João Jorge, de "Estado de São Paulo", e do próprio assessor de imprensa da organização, José Mauro Ribeiro Lobo — participam da missão do Brasilinvest, como se tivessem sido escolhidos a dedo para as oportunidades comerciais da China, os seguintes empresários: — Simão Woiler, diretor executivo do Brasilinvest; Geraldo Baeta, gerente geral da Saitecim — Operadora Jurídica Ltda; Henrique Herweg, diretor executivo da Themag Engenharia Ltda; — Lin Suh Nan e Serge Hsu — que me trouxe uma carta e um abraço de Milton Vargas — engenheiros da Themag Engenharia Ltda; Sergio Lupatelle, presidente da Manasa — Madeira Nacional S.A. — que teve o bom gosto de trazer a senhora Vera Lúcia Lupatelli; Eloy Fontes Lessa — diretor da Ficsa — Financiamento, Investimento e Crédito S.A.; Jacques Siekierski, diretor-Presidente da Itap S.A.; — Indústria Técnica de Artefatos Plásticos; — Paulo Roberto Penteado dos Santos, assistente da presidência da Hansen Industrial; Osvaldo Fábio de Mello, diretor industrial de Calçados Samello S.A.; — Cláudio Regina, presidente da Companhia Americana Industrial de Ônibus CAIO; Harry Joory — presidente da Joory S.A.; e, finalmente, nosso velho conhecido William King, presidente da KTD do Brasil, nosso primeiro "china-trader", com base em São Paulo e Hong Kong.

A delegação vai cumprir um apertado programa em Pequim, partindo no dia sete para Xangai, depois de entrevistas com dirigentes dos setores específicos de cada ramo. Da parte chinesa, quem conhece o país verifica que o governo aqui colocou o encontro no mais alto nível, pois Mário Garnero e seu grupo têm como anfitrião e principal interlocutor o próprio presidente do CCPIT — o Conselho Chinês para o Desenvolvimento do Comércio Internacional — órgão de cúpula para as negociações externas. A missão está, assim, altamente prestigiada e ainda hoje Wang Yaolin oferece a Mário Garnero e seus companheiros um banquete a que comparecerão várias personalidades chinesas. Também os jornalistas brasileiros foram contemplados com uma distinção muito rara, talvez inédita na China: vão ser recebidos pelo diretor do Xinhua — a agência de notícias chinesa — meu bom amigo sr. Wang. E ainda terão uma entrevista com a direção e redação do Renmin Bao — o Diário do Povo, que por sinal estampa hoje em sua primeira página a fotografia risonda do premier Hua Guofeng cumprimentando o presidente Sekoutoure, da Guiné — o sexto chefe de Estado estrangeiro que aparece por aqui no espaço de duas semanas. Pequim é um festival constante de presidentes do Terceiro Mundo, e agora se encontra aqui também o presidente Mohammed Zia-Ul-Hak, do Paquistão, está saindo o de Sierra Leone, e assim por diante. Mas isto é outra história.

# Missão comprova o potencial do mercado chinês

**PEQUIM** — A missão de empresários brasileiros que percorre a China, organizada pelo Brasilinvest e chefiada por Mário Garnero, viajou 25 mil km para plantar uma semente, como ele mesmo dizia, ainda no avião da companhia estatal chinesa que levou o grupo de Tóquio a Pequim. Mas, já no primeiro dia, a semente aparentemente germinou: contatos muito promissores se estabeleceram, surpreendendo a missão, o encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil na China e até os próprios chineses.

Depois de vários encontros isolados dos empresários com elementos do governo chinês, ligados à várias áreas de interesse comercial, Mário Garnero reconheceu, ainda no primeiro dia, ao fazer o balanço das atividades da missão, que os brasileiros têm muito que aprender, antes de negociar em escala pesada com a China. "Mas os chineses também têm muito que aprender, e eles mesmos dizem isso", acrescentou.

Resumindo, Garnero explicou as áreas mais promissoras para a entrada dos brasileiros no mercado chinês e que já se definiram, em maior ou menor escala, nesta atual visita: 1) há condições de se apoiar empreendimentos binacionais de vários tipos; 2) há interesse mútuo de participação em projetos e construção de hidrelétricas de qualquer tipo; 3) possibilidades bastante concretas no campo da petroquímica; 4) na área financeira, estuda-se a formação de consórcio, para apoiar as áreas que apresentem mais dificuldades; 5) construção de ônibus e equipamentos agrícolas — o primeiro, pela concorrência dos japoneses; o segundo, porque os chineses querem informações mais concretas para esse campo.

Para o encarregado dos negócios da embaixada brasileira em Pequim, Christovam de Araújo, esta é a primeira vez que os chineses manifestam in-

teresse imediato nos negócios e contatos com uma missão brasileira. Mais importante, esta é a primeira vez em que os chineses pediram contatos posteriores, informações e mesmo detalhamento de eventuais negociações.

De qualquer forma, já ficou claro que, apesar do otimismo desta primeira missão do Brasilinvest, nada se fará em termos de comércio, financiamentos, "joint-ventures", etc., sem um acompanhamento bastante sistemático a nível chinês. E decidiu-se, ainda na reunião de segunda-feira, que será instalado um escritório em Pequim, com participação de pessoal local experiente em negociar com os vários organismos governamentais, para representar os empresários brasileiros na China (levantou-se, já inicialmente, a hipótese de que o custo desse escritório não será inferior aos 300 mil dólares anuais, considerado bastante satisfatório por vários integrantes da missão).

### PRESENTE BRASILEIRO

Os Ministérios da Conservação das Águas e Energia Elétrica receberam da missão brasileira um presente inesperado: estudos completos e lay-out da usina hidrelétrica de Três Gargantas, que terá capacidade de 25,6 milhões de quilowatts e custará US\$ 10 bilhões, divididos entre obras civis (6 bilhões) e equipamentos (4 bilhões) — Itaipu terá 12,6 milhões de quilowatts e custará US\$ 12 bilhões. O estudo vale 500 mil dólares e foi feito por consórcio formado pela Themag, Tenenge, Sade, Villares e Coenza.

Trata-se apenas de um primeiro estudo, pois o governo chinês ainda não decidiu se essa imensa hidrelétrica será mesmo construída (o grupo de engenheiros brasileiros que esteve na China, no ano passado, e que participou do estudo tem absoluta certeza de que a obra será mesmo feita e essa definição ocorrerá a curto prazo). O estudo apresenta cinco alternativas para os chineses. Uma delas tem particular interesse para o

governo, que quer tornar Três Gargantas praticamente inulterável a um conflito armado.

A alternativa mais interessante, por apresentar-se totalmente subterrânea, com escavação em rochas, é exatamente a mais barata, e acredita-se que será aceita pelos chineses. Segundo esse estudo, as casas de máquinas serão construídas em cavernas escavadas e terão vãos de 43 metros de largura e altura de até 70 metros, capazes de abrigar máquinas de 1 milhão de quilowatts cada (Itaipu terá máquinas de 700 mil).

Henrique Herweg, diretor da Themag Engenharia, que manteve contatos com funcionários graduados dos dois Ministérios, acredita que os estudos foram muito bem recebidos pelos chineses, os quais, no entanto, informaram que falta dinheiro para o investimento brutal que representa a usina de três Gargantas. A partir daí, o consórcio das empresas brasileiras de engenharia ofereceu participação em usina de porte até dez vezes menor, com cerca de 1,8 milhão de KW, no valor de US\$ 1,2 milhão.

A verdade, segundo Herweg, é que o problema dos chineses com Três Gargantas não é só de dinheiro. Eles precisarão realocar 3 milhões de pessoas que moram e trabalham na área a ser inundada pelo imenso lago a ser formado pela hidrelétrica. E pretendem fazer essa realocação da maneira mais suave possível (se é que isso será possível, como diz Herweg). Assim, eles querem um projeto que permita a operação da usina, nos primeiros dois ou três anos, em níveis bastante baixos, dando-lhes mais tempo para mudar esses três milhões de pessoas. Além disso, há divisões internas nos mecanismos decisórios sobre a validade da construção de uma usina desse tamanho.

A China tem, hoje, 62 milhões de KW instalados, dos quais 15 milhões em hidrelétricas (o Brasil tem 28 milhões),

com uma capacidade inventariada de 580 milhões de KW (contra 280 milhões no Brasil). Desse total, 240 milhões de KW estão no rio Yang Tsé, que tem 6.500 km de extensão e nasce a 5 mil metros de altura, o que lhe dá um caudal forte e uma vazão muito grande (sua vazão média anual é de 12 x 1.000 m<sup>3</sup>, mais que o dobro do rio Paraná, com máxima de 110 mil m<sup>3</sup> em Três Gargantas).

### CONVITE PARA JANTAR

Mas o melhor indício de que as conversações foram bem encaminhadas nessa área está no fato de que os representantes do consórcio de engenharia receberam convite para jantar com os funcionários do Ministério de Energia Elétrica. E, durante o jantar, os dois engenheiros da Themag foram convidados a ficar na China, para detalhar melhor os estudos, e apresentar alternativas para outros projetos e — importante — os dois ficarão durante três meses viajando para vários locais no interior da China, com todas as despesas pagas pelo governo chinês.

Outros contatos importantes foram estabelecidos. A Hansen Industrial, que processa PVC para fabricação de tubos, iniciou entendimentos que poderão levar, na melhor hipótese, à instalação de uma fábrica de tubos, de amplo uso no País — que tem desenvolvido grandes esforços na área de construção, embora não existam dados de mercado.

Diretores da Calo e da Marcopolo, fabricantes de carrocerias de ônibus, por sua vez, já discutiram até a hipótese de uma associação para montar, em conjunto, uma fábrica na China, única maneira de se enfrentar a pesada concorrência dos japoneses. Os brasileiros poderiam entrar no mercado com vantagem, em virtude da tecnologia e qualidade superiores para a construção de ônibus, principalmente intermunicipais e de turismo.

# Chineses propõem planos binacionais ao Brasil

Gerardo Mello Mourão,  
de Pequim

A missão do Brasilinvest, chefiada pelo empresário Mário Garnero, cumpriu ontem um intenso trabalho dentro do exaustivo programa chinês. Logo pela manhã, Mário Garnero, acompanhado por Sansão Woiler, diretor-executivo do Brasilinvest, e Eloi Fontes Lessa, da Ficsa — Financiamento, Investimento e Crédito S.A. — manteve um encontro de serviço com os dirigentes do Conselho de Desenvolvimento do Comércio Exterior, cujo presidente, sr. Wang Yaocin, conduziu as conversas do lado chinês. Ao mesmo tempo, os engenheiros Henrique Herweg, Serge Jih Usu e Lin Suh Na — todos brasileiros, apesar dos nomes — tiveram uma das mais importantes reuniões do dia, debatendo com os chineses do Ministério de Obras Hidráulicas a proposta dos brasileiros da Themag para trabalhos de construção da grande barragem chinesa de Xan Xia, que será a maior do mundo.

O grupo da Themag passou o dia inteiro nesse encontro. Ontem, Lupatelli, Skekierski, Cláudio Regina e William King se reuniram com o pessoal do Ministério da Indústria e as conversações vão tomando um perfil positivo e promissor.

Num balanço com os companheiros, à noite, que serviu como uma espécie de "briefing" para os jornalistas brasileiros, Mário Garnero, dando conta das conversações mantidas, estava até eufórico com os rumos favoráveis das propostas discutidas. Ele mesmo teve dois encontros nos dois expedientes.

Pela manhã, em contato com a Citip — uma corporação chinesa que tem mais ou menos as mesmas funções de nosso Badesp — os dirigentes desse órgão, relativamente novo na administração do país, manifestaram a intenção de apoiar empreendimentos binacionais com investidores brasileiros. Está na pauta a construção da gigantesca hidrelétrica de Xan Xia — "As Três Gargantas" — a maior já projetada no mundo, e para a qual os brasileiros apresentaram pré-projetos elaborados pela Themag. Xao Xia está programada para uma produção de energia equivalente a duas vezes a de Itaipu, e seu custo está orçado em 12 bilhões de dólares somente na parte operativa. Henrique Herweg, diretor executivo da Themag, discutiu amplamente o assunto, havendo trazido diversos projetos alternativos, inclusive um para a construção subterrânea da obra, com vistas a razões de segurança, muito frequentes na China, onde se diz que a própria cidade de Pequim tem imensas obras subterrâneas, feitas desde o início do governo de Mao, permanentemente preocupado com a possibilidade de uma guerra.

Os chineses se dispõem a armar com o Brasil consórcios financeiros na área de aproveitamento de materiais petroquímicos. Mário Garnero não se impressiona com a grande concorrência do mercado internacional, no qual a China tem à disposição 1 bilhão e 200 milhões de dólares não utilizados até aqui, além de créditos menores, como o de 300 milhões de francos belgas, a serem pagos a prazo longuíssimo.

As taxas de câmbio são outro problema. Mário Garnero não disse, mas a impressão que se tem é de que muitos países e organismos investidores têm aberto à China créditos a taxas políticas, da mesma forma que muitos exportadores têm vendido mercadorias também a preços políticos, numa tática de abertura do mercado.

No campo da agricultura, a China deseja seus negócios com o Brasil, certa de que um país como o nosso, com 28 por cento da área agriculturável de todo o mundo, tem possibilidades inesgotáveis de cooperar no abastecimento de outras regiões. Mário Garnero foi instado a preparar propostas concretas para essa área. Não é impossível a colocação de máquinas agrícolas, dependendo de constituir "joint-ventures" com o Brasil, como têm feito com investidores de outros países.

Garnero achou também altamente proveitoso o encontro que manteve com a administração municipal de Pequim, uma área que responde por 600 milhões de dólares do total da exportação da República Popular, e que deseja abrir novas frentes de exportação. A Municipalidade de Pequim revelou-se aberta e interessada. Em propostas na área financeira, através dos mecanismos com que trabalha, muito semelhantes, por exemplo, aos do Banco de Desenvolvimento de São Paulo.

A região produz, com grandes excedentes para exportação, a matéria-prima da indústria plástica, o PVC, e com esse artigo se prontifica a fazer operações de compensação.

O presidente do Brasilinvest acha que esta é uma oportunidade altamente positiva. Vai deixar, neste sentido, carta de intenções, esperando fazer brevemente uma proposta firme, respaldada desde já por uma compra brasileira ontem mesmo decidida, com grande satisfação dos chineses, de 100 mil dólares de amostras de vários artigos, alguns deles para negociações triangulares, que serão colocados no Canadá e em outros países.

Sansão Woiler, diretor-executivo do Brasilinvest, juntamente com Cláudio Regina, tratou da colocação de ônibus e carrocerias. Não tinha grandes ilusões quanto à possibilidade de competir com os preços dos japoneses, donos do mercado e beneficiados pela vantagem do frete. Nesse sentido, tratou de vender antes a tecnologia do ramo, e o assunto despertou vivo interesse entre os chineses. Woiler acha que a tecnologia brasileira é muito superior, inclusive em qualidade, à dos chineses, embora a realidade chinesa haja surpreendido, tanto em qualidade como em quantidade, como é o caso dos articulados elétricos, os ônibus acoplados que percorrem a cidade de Pequim. Não é inviável a criação de uma "joint-venture" para o assunto, e os brasileiros acham que é possível encontrar facilidades ainda maiores em Cantão, para onde estarão partindo depois de amanhã.

Os chineses convidaram os brasileiros a visitarem suas fábricas, o que é um dado altamente positivo, assim sairão daqui sabendo exatamente o que podem oferecer.

As possibilidades da importação brasileira de PVC são das mais positivas. Foi feita uma "package" pelo qual compraríamos a matéria-prima, vendendo o produto acabado. E ainda duas outras propostas alternativas: a formação de uma "joint venture" para fabricar o PVC na China ou o fornecimento de assistência técnica pelo Brasil.

A firma brasileira presente aqui, interessada especificamente no ramo é a Itap, cujo presidente, Jacques Siekierski, surpreendeu os chineses ao informar que sua empresa, como firma individual é a maior consumidora de PVC em todo o mundo.

Oswaldo Melo, diretor da fábrica de calçados Samelo, apresentou três amostras: de sapatos de artefatos de borracha e de couro. Os sapatos não devem ter muita chance, mas a borracha, um produto denominado "couroliter", despertou grande interesse, assim como dois tipos de couro preto e café, de beneficiamento brasileiro.

Sérgio Lupatelli, da Mansas — Madeireira Nacional S.A. — não encontrou receptividade para o reflorestamento econômico, pois os chineses estão preocupados com um reflorestamento de caráter ecológico, mas mostraram-se interessados no suprimento de madeira para casas. Lupatelli fez questão de salientar a clareza, honestidade e a lealdade dos métodos de negociação dos chineses.

## USINA

Henrique Herweg tratou em profundidade do que talvez venha a ser o primeiro grande projeto brasileiro na China, a usina de Xan Xia, que os chineses encomendaram à Themag Engenharia Ltda. Herweg chegou em Pequim com dois engenheiros da empresa, convidados pelos chineses a permanecerem desde já no país. Serge Hsu e Lin Suh Nan — os dois engenheiros brasileiros — trouxeram cinco alternativas para o projeto. Já com os cálculos de preços. Um dos projetos prevê a construção subterrânea, em cavernas escavadas na rocha, as maiores que se conhece no mundo. As máquinas a serem utilizadas no projeto são de 1 milhão de toneladas (as de Itaipu têm 700 mil). Os chineses ficaram muito interessados no relatório apresentado pela Themag e nas plantas brasileiras, mas lutam ainda com problemas de financiamento.

O reservatório da represa deverá inundar uma área habitada por mais ou menos 3 milhões de pessoas e sua construção deverá levar de 10 a 18 anos. O governo chinês ainda não está muito certo da data em que deverá ser iniciada a construção mas a potência instalada da China, que é de apenas 62 milhões de quilowatts, recomenda a imediata abertura dos trabalhos.

É certo que os chineses não gostariam de entregar o trabalho inteiro a um só contratante. Em todo caso, tudo indica que não caremos de fora no projeto.

## Governo chinês reage bem às propostas da missão do Brasil

**PEQUIM** — No primeiro dia de contatos formais com autoridades chinesas da área econômica, o grupo de empresários brasileiros liderado por Mário Garnero, do Brasilinvest, alcançou reações favoráveis, praticamente inéditas pela rapidez, às propostas apresentadas. A missão brasileira estava ultraprevenida para a invariável e quase exasperante lentidão com que os cautelosos chineses decidem. E surpreendidos pelo interesse das autoridades de Pequim na colaboração econômica com empresários brasileiros (a China sempre prefere negociar com particulares seja qual for o seu país de origem) —

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE  
Enviado especial do GLOBO

resolveram os integrantes do grupo Brasilinvest criar um pequeno escritório de representação nesta capital, para acompanhar de perto a evolução das negociações propostas.

Desde logo permanecerão aqui os dois membros do grupo, brasileiros nascidos chineses, os engenheiros da Themag Engenharia Serge Jih Chen Hsu e Lin Suh Nan dando andamento à principal proposta do grupo, relativa à construção de hidrelétricas de médio porte pelo consórcio constituído pela Themag, Tenege, Sade e

Coensa (joint venture da Villares e G.E.).

O consórcio, representado por Henrique Herweg, da Themag, trouxe uma proposta ambiciosa: construir a represa de Três Gargantas, no Rio Yang-Tsé, com o dobro da capacidade de Itaipu (25 megawatts) pela metade do preço (US\$ 6 bilhões de obras civis mais US\$ 4 bilhões de equipamentos). O grupo brasileiro apresentou o pré-projeto, com cinco alternativas para execução da obra, três delas com levantamento de quantidades e preços — mas, na verdade, pretende com tal iniciativa credenciar-se para construir represas menores.

# Chineses propõem planos binacionais ao Brasil

Gerardo Mello Mourão,  
de Pequim

A missão do Brasilinvest, chefiada pelo empresário Mario Garnero, cumpriu ontem um intenso trabalho dentro do exaustivo programa chinês. Logo pela manhã, Mário Garnero, acompanhado por Sansão Woiler, neto, acompanhado por Sansão Woiler, diretor executivo do Brasilinvest, e Elói Fentes Lessa, da Ficsa — Financiamento, Investimento e Crédito S.A. — manteve um longo encontro de serviço com os dirigentes do Conselho de Desenvolvimento do Comércio Exterior, cujo presidente, sr. Wang Yaolin, conduziu as conversas do lado chinês. Ao mesmo tempo, os engenheiros Henrique Herweg, Serge Jih Usu e Lin Suh Na — todos brasileiros, apesar dos nomes —, tiveram uma das mais importantes reuniões do dia, debatendo com os chineses do Ministério das Obras Hidráulicas a proposta dos brasileiros da Themag para trabalhos de construção da grande barragem chinesa de Xan Xia, que será a maior do mundo.

O grupo da Themag passou o dia inteiro nesse encontro. Ontem, Lupatelli, Skekierski, Cláudio Regina e William King se reuniram com o pessoal do Ministério da Indústria e as conversações vão tomando um perfil positivo e promissor.

Num balanço com os companheiros, à noite, que serviu como uma espécie de "briefing" para os jornalistas brasileiros, Mário Garnero, dando conta das conversações mantidas, estava até eufórico com os rumos favoráveis das propostas discutidas. Ele mesmo teve dois encontros nos dois expedientes.

Pela manhã, em contato com a Citip — uma corporação chinesa que tem mais ou menos as mesmas funções de nosso Badesp — os dirigentes desse órgão, relativamente novo na administração do país, manifestaram a intenção de apoiar empreendimentos binacionais com investidores brasileiros. Está na pauta a construção da gigantesca hidrelétrica de Xan Xia — "As Três Gargantas" — a maior já projetada no mundo, e para a qual os brasileiros apresentaram projetos elaborados pela Themag. Xao Xia está programada para uma produção de energia equivalente a duas vezes a de Itaipu, e seu custo está orçado em 12 bilhões de dólares somente na parte operativa. Henrique Herweg, diretor executivo da Themag, discutiu amplamente o assunto, havendo trazido diversos projetos alternativos, inclusive um para a construção subterrânea da obra, com vistas a razões de segurança, muito frequentes na China, onde se diz que a própria cidade de Pequim tem imensas obras subterrâneas, feitas desde o início do governo de Mao, permanentemente preocupado com a possibilidade de uma guerra.

Os chineses se dispõem a armar com o Brasil consórcios financeiros na área de aproveitamento de materiais petroquímicos. Mário Garnero não se impressiona com a grande concorrência do mercado internacional, no qual a China tem à disposição 1 bilhão e 200 milhões de dólares não utilizados até aqui, além de créditos menores, como o de 300 milhões de francos belgas, a serem pagos a prazo longuíssimo.

As taxas de câmbio são outro problema. Mário Garnero não disse, mas a impressão que se tem é de que muitos países e organismos investidores têm aberto à China créditos a taxas políticas, da mesma forma que muitos exportadores têm vendido mercadorias também a preços políticos, numa tática de abertura do mercado.

No campo da agricultura, a China deseja seus negócios com o Brasil, certa de que um país como o nosso, com 28 por cento da área agriculturável de todo o mundo, tem possibilidades inesgotáveis de cooperar no abastecimento de outras regiões. Mário Garnero foi instado a preparar propostas concretas nessa área. Não é impossível a colocação de máquinas agrícolas, dependendo de constituir "joint-ventures" com o Brasil, como tem feito com investidores de outros países.

Garnero achou também altamente proveitoso o encontro que manteve com a administração municipal de Pequim, uma área que responde por 600 milhões de dólares do total da exportação da República Popular, e que deseja abrir novas frentes de exportação. A Municipalidade de Pequim revelou-se aberta e interessada. Em propostas na área financeira, através dos mecanismos com que trabalha, muito semelhantes, por exemplo, aos do Banco de Desenvolvimento de São Paulo.

A região produz, com grandes excedentes

para exportação, a matéria-prima da Indústria plástica, o PVC, e com esse artigo se profita a fazer operações de compensação.

O presidente do Brasilinvest acha que esta é uma oportunidade altamente positiva. Valendo fazer brevemente carta de intenções, especialmente respaldada por uma proposta brasileira ontem desde já por uma compra de satisfação dos mesmos decidida, com grande amostras de vários artigos, alguns deles para negociações triangulares, alguns deles colocados no Canadá e em outros países.

Sansão Woiler, diretor-executivo da Brasilinvest, juntamente com Cláudio Regina, tratou da colocação de ônibus e quanto à possibilidade de competir com os preços dos japoneses, donos do mercado e beneficiados pela vantagem do frete. Nesse sentido, tratou de vender antes a tecnologia entre os chineses. Woiler acha que a tecnologia brasileira é muito superior, inclusive em qualidade, à dos chineses, inclusive realidade chinesa haja surpreendido, embora a em qualidade como em quantidade, tanto caso dos articulados elétricos, os ônibus acoplados que percorrem a cidade de Pequim. Não é inviável a criação de uma "joint-venture" para o assunto, e os brasileiros ainda maiores em Cantão, para onde estarão partindo depois de amanhã.

Os chineses convidaram os brasileiros a visitarem suas fábricas, o que é um dado altamente positivo, assim sairão daqui sabendo exatamente o que podem oferecer.

As possibilidades da importação brasileira de PVC são das mais positivas. Foi feita ontem mesmo a proposta da negociação de um "package" pelo qual compraríamos a matéria-prima, vendendo o produto acabado. E ainda duas outras propostas alternativas: a formação de uma "joint venture" para fabricar o PVC na China ou o fornecimento de assistência técnica pelo Brasil.

A firma brasileira presente aqui, interessada especificamente no ramo é a Itap, cujo presidente, Jacques Siekierski, surpreendeu os chineses ao informar que sua empresa, como firma individual é a maior consumidora de PVC em todo o mundo.

Oswaldo Melo, diretor da fábrica de calçados Samelo, apresentou três amostras: de sapatos, de artefatos de borracha e de couro. Os sapatos não devem ter muita chance, mas a borracha, um produto denominado "courolliter", despertou grande interesse, assim como dois tipos de couro preto e café, de beneficiamento brasileiro.

Sérgio Lupatelli, da Mansás — Madeira Nacional S.A. — não encontrou receptividade para o reforestamento econômico, pois os chineses estão preocupados com um reforestamento de caráter ecológico, mas mostraram-se interessados no suprimento de madeira para casas. Lupatelli fez questão de salientar a clareza, honestidade e a lealdade dos métodos de negociação dos chineses.

## USINA

Henrique Herweg tratou em profundidade do que talvez venha a ser o primeiro grande projeto brasileiro na China, a usina de Xan Xia, que os chineses encomendaram à Themag Engenharia Ltda. Herweg chegou em Pequim com dois engenheiros da empresa, convidados pelos chineses a permanecerem desde já no país. Serge Hsu e Lin Suh Nan — os dois engenheiros brasileiros —, trouxeram cinco alternativas para o projeto, já com os cálculos de preços. Um dos projetos prevê a construção subterrânea, em cavernas escavadas na rocha, as maiores que se conhece no mundo. As máquinas a serem utilizadas no projeto são de 1 milhão de toneladas (as de Itaipu têm 700 mil). Os chineses ficaram muito interessados no relatório apresentado pela Themag e nas plantas brasileiras, mas lutam ainda com problemas de financiamento.

O reservatório da represa deverá inundar uma área habitada por mais ou menos 3 milhões de pessoas e sua construção deverá levar de 10 a 18 anos. O governo chinês ainda não está muito certo da data em que deverá ser iniciada a construção mas a potência instalada da China, que é de apenas 62 milhões de quilowatts, recomenda a imediata abertura dos trabalhos.

É certo que os chineses não gostariam de entregar o trabalho inteiro a um só contratante. Em todo caso, tudo indica que não ficaremos de fora no projeto.

# Missão comprova o potencial do mercado chinês

**PEQUIM** — A missão de empresários brasileiros que percorre a China, organizada pelo Brasinvest e chefiada por Mário Garnero, viajou 25 mil km para plantar uma semente, como ele mesmo dizia, ainda no avião da companhia estatal chinesa que levou o grupo de Tóquio a Pequim. Mas, já no primeiro dia, a semente aparentemente germinou: contatos muito promissores se estabeleceram, surpreendendo a missão, o encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil na China e até os próprios chineses.

Depois de vários encontros isolados dos empresários com elementos do governo chinês, ligados a várias áreas de interesse comercial, Mário Garnero reconheceu, ainda no primeiro dia, ao fazer o balanço das atividades da missão, que os brasileiros têm muito que aprender, antes de negociar em escala pesada com a China. "Mas os chineses também têm muito que aprender, e eles mesmos dizem isso", acrescentou.

Resumindo, Garnero explicou as áreas mais promissoras para a entrada dos brasileiros no mercado chinês e que já se definiram, em maior ou menor escala, nesta atual visita: 1) há condições de se apoiar empreendimentos binacionais de vários tipos; 2) há interesse mútuo de participação em projetos e construção de hidrelétricas de qualquer tipo; 3) possibilidades bastante concretas no campo da petroquímica; 4) na área financeira, estuda-se a formação de consórcio, para apoiar as áreas que apresentem mais dificuldades; 5) construção de ônibus e equipamentos agrícolas — o primeiro, pela concorrência dos japoneses; o segundo, porque os chineses querem informações mais concretas para esse campo.

Para o encarregado dos negócios da embaixada brasileira em Pequim, Christovam de Araújo, esta é a primeira vez que os chineses manifestam interesse imediato nos negócios e contatos com uma missão brasileira. Mais importante, esta é a primeira vez em que os chineses pediram contatos posteriores, informações e mesmo detalhamento de eventuais negociações.

De qualquer forma, já ficou claro que, apesar do otimismo desta primeira missão do Brasinvest, nada se fará em termos de comércio, financiamentos, "joint-ventures", etc., sem um acompanhamento bastante sistemático a nível chinês. E decidiu-se, ainda na reunião de segunda-feira, que será instalado um escritório em Pequim, com participação de pessoal local

governo, que quer tornar Três Gargantas praticamente invulnerável a um conflito armado.

A alternativa mais interessante, por apresentar-se totalmente subterrânea, com escavação em rochas, é exatamente a mais barata, e acredita-se que será aceita pelos chineses. Segundo esse estudo, as casas de máquinas serão construídas em cavernas escavadas e terão vãos de 43 metros de largura e altura de até 70 metros, capazes de abrigar máquinas de 1 milhão de quilowatts cada (Itaipu terá máquinas de 700 mil).

Henrique Herweg, diretor da Themag Engenharia, que manteve contatos com funcionários graduados dos dois Ministérios, acredita que os estudos foram muito bem recebidos pelos chineses, os quais, no entanto, informaram que falta dinheiro para o investimento brutal que representa a usina de três Gargantas. A partir daí, o consórcio das empresas brasileiras de engenharia ofereceu participação em usina de porte até dez vezes menor, com cerca de 1,8 milhão de KW, no valor de US\$ 1,2 milhão.

A verdade, segundo Herweg, é que o problema dos chineses com Três Gargantas não é só de dinheiro. Eles precisarão realocar 3 milhões de pessoas que moram e trabalham na área a ser inundada pelo imenso lago a ser formado pela hidrelétrica. E pretendem fazer essa realocação da maneira mais suave possível (se é que isso será possível, como diz Herweg). Assim, eles querem um projeto que permita a operação da usina, nos primeiros dois ou três anos, em níveis bastante baixos, dando-lhes mais tempo para mudar esses três milhões de pessoas. Além disso, há divisões internas nos mecanismos decisórios sobre a validade da construção de uma usina desse tamanho.

A China tem, hoje, 62 milhões de KW instalados, dos quais 15 milhões em hidrelétricas (o Brasil tem 28 milhões), com uma capacidade inventariada de 580 milhões de KW (contra 280 milhões no Brasil). Desse total, 240 milhões de KW estão no rio Yang Tsé, que tem 6.500 km de extensão e nasce a 5 mil metros de altura, o que lhe dá um caudal forte e uma vazão muito grande (sua vazão média anual é de 12 x 1.000 m<sup>3</sup>, mais que o dobro do rio Paraná, com máxima de 110 mil m<sup>3</sup> em Três Gargantas).

## CONVITE PARA JANTAR

Mas o melhor indício de que as conversações foram bem encaminhadas nessa área está no fato de que os representantes do consórcio de engenharia re-



antes de negociar em escala p...  
sada com a China. "Mas os chi-  
neses também têm muito que  
aprender, e eles mesmos dizem  
isso", acrescentou.

Resumindo, Gamero expli-  
cou as áreas mais promissoras  
para a entrada dos brasileiros  
no mercado chinês e que já se  
definiram, em maior ou menor  
escala, nesta atual visita: 1) há  
condições de se apoiar em-  
preendimentos binacionais de  
vários tipos; 2) há interesse mú-  
tuo de participação em projetos  
e construção de hidrelétricas de  
qualquer tipo; 3) possibilidades  
bastante concretas no campo  
da petroquímica; 4) na área fi-  
nanceira, estuda-se a formação  
de consórcio, para apoiar as  
áreas que apresentem mais difi-  
culdades; 5) construção de ôni-  
bus e equipamentos agrícolas —  
o primeiro, pela concorrência  
dos japoneses; o segundo, por-  
que os chineses querem infor-  
mações mais concretas para es-  
se campo.

Para o encarregado dos ne-  
gócios da embaixada brasileira  
em Pequim, Christovam de  
Araújo, esta é a primeira vez  
que os chineses manifestam in-  
teresse imediato nos negócios e  
contatos com uma missão bra-  
sileira. Mais importante, esta é  
a primeira vez em que os chine-  
ses pediram contatos posterio-  
res, informações e mesmo deta-  
lhamento de eventuais negocia-  
ções.

De qualquer forma, já ficou  
claro que, apesar do otimismo  
desta primeira missão do Brasi-  
linvest, nada se fará em termos  
de comércio, financiamentos,  
"joint-ventures", etc., sem um  
acompanhamento bastante sis-  
temático a nível chinês. E deci-  
diu-se, ainda na reunião de se-  
gunda-feira, que será instalado  
um escritório em Pequim, com  
participação de pessoal local  
experiente em negociar com os  
vários organismos governamen-  
tais, para representar os empre-  
sários brasileiros na China (le-  
vantou-se, já inicialmente, a hi-  
pótese de que o custo desse  
escritório não será inferior aos  
300 mil dólares anuais, conside-  
rado bastante satisfatório por  
vários integrantes da missão).

#### PRESENTE BRASILEIRO

Os Ministérios da Conserva-  
ção das Águas e Energia Elétri-  
ca receberam da missão brasi-  
leira um presente inesperado:  
estudos completos e lay-out da  
usina hidrelétrica de Três Gar-  
gantas, que terá capacidade de  
25,6 milhões de quilowatts e  
custará US\$ 10 bilhões, dividi-  
dos entre obras civis (6 bilhões)  
e equipamentos (4 bilhões) —  
Itaipu terá 12,6 milhões de qui-  
lowatts e custará US\$ 12 bi-  
lhões. O estudo vale 500 mil  
dólares e foi feito por consórcio  
formado pela Themag, Tenen-  
ge, Sade, Villares e Coenza.

Trata-se apenas de um pri-  
meiro estudo, pois o governo  
chinês ainda não decidiu se essa  
imensa hidrelétrica será mesmo  
construída (o grupo de enge-  
nhelros brasileiros que esteve  
na China, no ano passado, e que  
participou do estudo tem abso-  
luta certeza de que a obra será  
mesmo feita e essa definição  
ocorrerá a curto prazo). O estu-  
do apresenta cinco alternativas  
para os chineses. Uma delas  
tem particular interesse para o

investimento bru-  
tal que representa a usina de  
três Gargantas. A partir daí, o  
consórcio das empresas brasi-  
leiras de engenharia ofereceu  
participação em usina de porte  
até dez vezes menor, com cerca  
de 1,8 milhão de KW, no valor  
de US\$ 1,2 milhão.

A verdade, segundo Her-  
weg, é que o problema dos chi-  
neses com Três Gargantas não  
é só de dinheiro. Eles precisarão  
realocar 3 milhões de pessoas  
que moram e trabalham na área  
a ser inundada pelo imenso lago  
a ser formado pela hidrelétrica.  
E pretendem fazer essa realoca-  
ção da maneira mais suave pos-  
sível (se é que isso será possível,  
como diz Herweg). Assim, eles  
querem um projeto que permita  
a operação da usina, nos primei-  
ros dois ou três anos, em níveis  
bastante baixos, dando-lhes  
mais tempo para mudar esses  
três milhões de pessoas. Além  
disso, há divisões internas nos  
mecanismos decisórios sobre a  
validade da construção de uma  
usina desse tamanho.

A China tem, hoje, 62 mi-  
lhões de KW instalados, dos  
quais 15 milhões em hidrelétri-  
cas (o Brasil tem 23 milhões),  
com uma capacidade inventa-  
riada de 580 milhões de KW  
(contra 280 milhões no Brasil).  
Desse total, 240 milhões de KW  
estão no rio Yang Tsé, que tem  
6.500 km de extensão e nasce a  
5 mil metros de altura, o que lhe  
dá um caudal forte e uma vazão  
muito grande (sua vazão média  
anual é de 12 x 1.000 m<sup>3</sup>, mais  
que o dobro do rio Paraná, com  
máxima de 110 mil m<sup>3</sup> em Três  
Gargantas).

#### CONVITE PARA JANTAR

Mas o melhor indício de que  
as conversações foram bem en-  
caminhadas nessa área está no  
fato de que os representantes  
do consórcio de engenharia re-  
ceberam convite para jantar  
com os funcionários do Ministé-  
rio de Energia Elétrica. E, du-  
rante o jantar, os dois engenhe-  
rios da Themag foram convida-  
dos a ficar na China, para deta-  
lhar melhor os estudos, e apre-  
sentar alternativas para outros  
projetos e — importante — os  
dois ficarão durante três meses  
viajando para vários locais no  
interior da China, com todas as  
despesas pagas pelo governo  
chinês.

Outros contatos importan-  
tes foram estabelecidos. A Han-  
sen Industrial, que processa  
PVC para fabricação de tubos,  
iniciou entendimentos que po-  
derão levar, na melhor hipótese,  
à instalação de uma fábrica de  
tubos, de amplo uso no País —  
que tem desenvolvido grandes  
esforços na área de construção,  
embora não existam dados de  
mercado.

Diretores da Calo e da Mar-  
copolo, fabricantes de carroce-  
rias de ônibus, por sua vez, já  
discutiram até a hipótese de  
uma associação para montar,  
em conjunto, uma fábrica na  
China, única maneira de se en-  
frentar a pesada concorrência  
dos japoneses. Os brasileiros  
poderiam entrar no mercado  
com vantagem, em virtude da  
tecnologia e qualidade superio-  
res para a construção de ônibus,  
principalmente intermunicí-  
pais e de turismo.

## Governo chinês reage bem às propostas da missão do Brasil

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE  
Enviado especial do GLOBO

PEQUIM — No primeiro dia de contatos formais com autoridades chinesas da área econômica, o grupo de empresários brasileiros liderado por Mário Garnero, do Brasilinvest, alcançou reações favoráveis, praticamente inéditas pela rapidez, às propostas apresentadas. A missão brasileira estava ultraprevenida para a invariável e quase exasperante lentidão com que os cautelosos chineses decidem. E surpreendidos pelo interesse das autoridades de Pequim na colaboração econômica com empresários brasileiros (a China sempre prefere negociar com particulares seja qual for o seu país de origem).

resolveram os integrantes do grupo Brasilinvest criar um pequeno escritório de representação nesta capital, para acompanhar de perto a evolução das negociações propostas.

Desde logo permanecerão aqui os dois membros do grupo, brasileiros nascidos chineses, os engenheiros da Themag Engenharia Serge Jih Chen Hsu e Lin Suh Nan dando andamento à principal proposta do grupo, relativa à construção de hidrelétricas de médio porte pelo consórcio constituído pela Themag, Tenege, Sade e

Coensa (joint venture da Villares e G.E.).

O consórcio, representado por Henrique Herweg, da Themag, trouxe uma proposta ambiciosa: construir a represa de Três Gargantas, no Rio Yang-Tsé, com o dobro da capacidade de Itaipu (25 megawatts) pela metade do preço (US\$ 6 bilhões de obras civis mais US\$ 4 bilhões de equipamentos). O grupo brasileiro apresentou o pré-projeto, com cinco alternativas para execução da obra, três delas com levantamento de quantidades e preços — mas, na verdade, pretende com tal iniciativa credenciar-se para construir represas menores.

# Brasil pode ser parceiro da China na nova modernização

PEQUIM — Há uma componente política visível que pode beneficiar o investidor brasileiro na China. Tudo indica que os chineses desejam diversificar as suas fontes de financiamento externo, para evitar dependências — no momento em que se lançam a um programa de modernização da sua economia a executar-se em vinte anos: as quatro modernizações propostas por Deng Xiao ping — na indústria, na agricultura, na ciência e tecnologia e na defesa nacional. A idoneidade empresarial, paralelamente à distância física e à relativa fraqueza militar fará do Brasil com certeza um parceiro comercial bastante atraente para a China.

Os chineses pareceram não esperar da missão empresarial que ora visita o país propostas tão minuciosas. Encantados com o trabalho do consórcio Themag fizeram questão de pagar a estada e a locomoção em território chinês dos dois engenheiros brasileiros que aqui ficarão. O consórcio, por via das dúvidas, relutou, mas não houve como recusar a oferta.

No caso da grande usina hidrelétrica de "Três Gargantas", por exemplo, os chineses mostraram-se preocupados com os aspectos de segurança militar, fiéis à obsessão com que aguardam a guerra. A alternativa mais econômica dos brasileiros para a construção da usina e também a mais segura, pois prevê a localização das turbinas a salvo de bombardeios, situadas em enormes cavernas, com até 43 metros de largura e 70 de altura, para turbinas de um milhão de kilowatts c mil kw cada).

De qualquer modo, "Três Gargantas" não tem ainda decidida a sua construção e, quando vier, ela se fará lentamente, porque o enchimento da represa exigirá a remoção de nada menos que três milhões de habitantes da área a ser inundada, certamente um portentoso problema social.

## FINANÇAS

Mário Garnero, pelo Brasilinvest, tratou com os chineses de um financiamento e saiu bem impressionado com o resultado do primeiro contato. Aos chineses não falta crédito externo. Pelo contrário, todo mundo quer conquistar este mercado fabuloso começando por emprestar dinheiro. Neste momento, eles dispõem em Londres de US\$ 1,2 bilhão, "STAND BY", não utilizados. Os belgas lhes oferecem 300 milhões de francos belgas para serem pagos a partir de 1991 em 20 anos sem juros, desde que aplicados na compra de equipamentos belgas. No fundo, todo mundo está disposto a bancar a hipótese de jorrar muito petróleo por aqui, o bastante para pagar esta arrancada desenvolvimentista da China.

Mas a China deseja resguardar desde

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE  
Enviado especial do GLOBO

já a sua liquidez e, assim, embora se beneficiando desse feilão espontâneo a que se lançam os grandes investidores externos, procura conduzir os negócios para operações vinculadas que lhe garantam o resgate dos compromissos.

A conversa com Garnero começou difícil, com a exigência de taxas fixas de juros para os eventuais financiamentos feitos pelo B da tal hipótese pelo chefe do grupo brasileiro, evoluiu para nível mais razoável. Discutiu-se um financiamento inicial de US\$ 30 milhões, ligado à base brasileira, com prazo de resgate de cinco a sete anos e taxas um pouco melhores que as do mercado, para a Municipalidade de Pequim. Garnero ficou de apresentar logo carta de intenção e dentro de 15 dias a proposta formal. Ele perguntou se os chineses usariam os recursos no mercado brasileiro, embora isso não fosse uma exigência.

— Pode fazer uma oferta firme que nós consideramos a proposta — respondeu-lhe o presidente do CTIC (espécie de BNDE chinês) para espanto do interlocutor, já que os chineses nunca dão respostas tão categóricas e tão em cima do lance.

Isto foi, aliás, o que mais surpreendeu os brasileiros: essa disposição dos chineses de dar seguimento às conversas logo no dia imediato. Meticulosos ao extremo, misteriosos quanto à fonte das suas decisões, eles exigem paciência inesgotável dos seus interlocutores. Basta dizer que, de 230 propostas de "joint ventures" (projetos conjuntos) que receberam nos últimos oito meses, eles só aprovaram três: uma com elevadores Schindler, outra de Cataring Service, e uma terceira com um grupo de Hong-Kong para a construção de uma rede de hotéis de luxo. Pois apesar disso quiseram continuar já, assim como receber e discutir propostas de venda de equipamentos agrícolas brasileiros.

## OUTRAS

Cláudia Regina, da Companhia Americana Industrial de Ônibus e Romeu Bruno, da Marco Polo, os dois maiores fabricantes de ônibus do Brasil, discutiram propostas relativas à introdução de ônibus.

Brasileiros na China, a partir da franca declaração dos chineses de que, na exportação de ônibus, não há como competir com os japoneses, que estão bem perto e fazem preços especialíssimos para garantir o mercado. Mas, admirando a qualidade do produto brasileiro, mostraram-se abertos à hipótese de "joint venture" para a construção de ônibus, pelas conversas iniciais, tanto mais que os empresários brasileiros estão em condições de apresentar imediatamente estudos completos para a construção de fábricas com capacidade de produção de 300 a 400 ônibus por mês.

Por não desejarem quebrar a uniformi-

dade nacional da produção de sapatos, com o que resolvem problema social relevante, os chineses não se mostraram receptivos à ideia de importar os sapatos da Samello, conforme a proposta apresentada por Oswaldo Fábio de Mello. Mas poderão comprar solados de sintético de borracha e couros, oferecidos pelo industrial. Pediram proposta concreta, que vão examinar.

Sergio Lupatelli, da Manso-Madeira Nacional SA — não encontrou interesse por um projeto de piscicultura, um dos pontos de sua proposta, mas sim por rejeitivo. Lupatelli observou que os chineses não querem reflorestar para extrair resultados econômicos, mas apenas para proteger e recompor o meio ambiente. Os chineses mostraram-se também esperançosos de contar com o Brasil como fornecedor de madeira para seus vastos programas habitacionais, especialmente na área de chapas. Eles deram a Lupatelli a impressão de serem absolutamente leais nas respostas, despreocupados de impressionar o interlocutor, e admitindo discutir seus problemas sem espírito propagandístico de natureza ideológica. PPFinalmente, mostraram-se os chineses bastantes receptivos à proposta de Paulo Roberto Penteado dos Santos, da Hansen Industrial, e Jacques Siekierski, da Itap, de negociar tubos de PVC. Os brasileiros apresentaram três hipóteses:

1. pacote incluindo fornecimento dos tubos em troca do PVC bruto que os chineses têm disponível (30 mil toneladas) sem dinheiro na operação;
2. "joint venture" para fabricar os tubos na China;
3. venda de "know how" e projetos para a construção de fábrica para os chineses.

Os chineses novamente se mostraram dispostos a continuar a conversa hoje, a partir do momento em que souberam, com surpresa, que os ofertantes são o maior comprador individual de PVC do mundo e que, como lhes informa Mário Garnero, seu poder competitivo se ilustra com o fato de que o Brasil exporta tubos de PVC para os Estados Unidos.

Os brasileiros, no entanto, verificaram logo um grande entrave burocrático às negociações relativas à vinculação entre exportações e importações. E que, ao mesmo tempo que desejam comprar de preferência a quem se disponha a adquirir mercadorias chinesas, para viabilizar seu balanço de pagamentos, as autoridades chinesas ligadas à importação não têm vínculo de nenhuma espécie com as de exportação e decidem com absoluta e recíproca autonomia.

Mas outra lição também recolheram os brasileiros na China: não há "nãos" definitivos e absolutos aqui. Um "não", em Pequim, pode virar um "sim" em Xangai ou Cantão — pois essas Municipalidades resolvem seus negócios (petróleo à parte) com grande independência, mesmo em face do poder central.

Ontem foi o último dia da missão do Brasilinvest em Pequim. Hoje cedo estará em Xangai e amanhã irá para Cantão, onde terminará a visita à China.

## Brasil pode ser parceiro da China na nova modernização

**PEQUIM** — Há uma componente política visível que pode beneficiar o investidor brasileiro na China. Tudo indica que os chineses desejam diversificar as suas fontes de financiamento externo, para evitar dependências — no momento em que se lançam a um programa de modernização da sua economia a executar-se em vinte anos: as quatro modernizações propostas por Deng Xiao ping — na indústria, na agricultura, na ciência e tecnologia e na defesa nacional. A idoneidade empresarial, paralelamente à distância física e à relativa fraqueza militar fará do Brasil com certeza um parceiro comercial bastante atraente para a China.

Os chineses pareceram não esperar da missão empresarial que ora visita o país propostas tão minuciosas. Encantados com o trabalho do consórcio Themag fizeram questão de pagar a estada e a locomoção em território chinês dos dois engenheiros brasileiros que aqui ficarão. O consórcio, por via das dúvidas, relutou, mas não houve como recusar a oferta.

No caso da grande usina hidrelétrica de "Três Gargantas", por exemplo, os chineses mostraram-se preocupados com os aspectos de segurança militar, fiéis à obsessão com que aguardam a guerra. A alternativa mais econômica dos brasileiros para a construção da usina e também a mais segura, pois prevê a localização das turbinas a salvo de bombardieiros, situadas em enormes cavernas, com até 43 metros de largura e 70 de altura, para turbinas de um milhão de kilowatts e mil kw cada).

De qualquer modo, "Três Gargantas" não tem ainda decidida a sua construção e, quando vier, ela se fará lentamente, porque o enchimento da represa exigirá a remoção de nada menos que três milhões de habitantes da área a ser inundada, certamente um portentoso problema social.

### FINANÇAS

Mário Garnero, pelo Brasilinvest, tratou com os chineses de um financiamento e saiu bem impressionado com o resultado do primeiro contato. Aos chineses não falta crédito externo. Pelo contrário, todo mundo quer conquistar este mercado fabuloso começando por emprestar dinheiro. Neste momento, eles dispõem em Londres de US\$ 1,2 bilhão, "STAND BY", não utilizados. Os belgas lhes oferecem 300 milhões de francos belgas para serem pagos a partir de 1991 em 20 anos sem juros, desde que aplicados na compra de equipamentos belgas. No fundo, todo mundo está disposto a bancar a hipótese de jorrar muito petróleo por aqui, o bastante para pagar esta arrancada desenvolvimentista da China.

Mas a China deseja resguardar desde

**EVANDRO CARLOS DE ANDRADE**  
Enviado especial do GLOBO

já a sua liquidez e, assim, embora se beneficiando desse leilão espontâneo a que se lançam os grandes investidores externos, procura conduzir os negócios para operações vinculadas que lhe garantam o resgate dos compromissos.

A conversa com Garnero começou difícil, com a exigência de taxas fixas de juros para os eventuais financiamentos feitos pelo B da tal hipótese pelo chefe do grupo brasileiro, evoluiu para nível mais razoável. Discutiu-se um financiamento inicial de US\$ 30 milhões, ligado à base brasileira, com prazo de resgate de cinco a sete anos e taxas um pouco melhores que as do mercado, para a Municipalidade de Pequim. Garnero ficou de apresentar logo carta de intenção e dentro de 15 dias a proposta formal. Ele perguntou se os chineses usariam os recursos no mercado brasileiro, embora isso não fosse uma exigência.

— Pode fazer uma oferta firme que nós consideramos a proposta — respondeu-lhe o presidente do CTIC (espécie de BNDE chinês) para espanto do interlocutor, já que os chineses nunca dão respostas tão categóricas e tão em cima do lance.

Isto foi, aliás, o que mais surpreendeu os brasileiros: essa disposição dos chineses de dar seguimento às conversas logo no dia imediato. Meticulosos ao extremo, misteriosos quanto à fonte das suas decisões, eles exigem paciência inesgotável dos seus interlocutores. Basta dizer que, de 230 propostas de "joint ventures" (projetos conjuntos) que receberam nos últimos oito meses, eles só aprovaram três: uma com elevadores Schindler, outra de Catering Service, e uma terceira com um grupo de Hong-Kong para a construção de uma rede de hotéis de luxo. Pois apesar disso quiseram continuação já, assim como receber e discutir propostas de venda de equipamentos agrícolas brasileiros.

### OUTRAS

Cláudia Regina, da Companhia Americana Industrial de Ônibus e Romeu Bruno, da Marco Polo, os dois maiores fabricantes de ônibus do Brasil, discutiram propostas relativas à introdução de ônibus.

Brasileiros na China, a partir da franca declaração dos chineses de que, na exportação de ônibus, não há como competir com os japoneses, que estão bem perto e fazem preços especialíssimos para garantir o mercado. Mas, admirando a qualidade do produto brasileiro, mostraram-se abertos à hipótese de "joint venture" para a construção de ônibus, pelas conversas iniciais, tanto mais que os empresários brasileiros estão em condições de apresentar imediatamente estudos completos para a construção de fabricas com capacidade de produção de 300 a 400 ônibus por mês.

Por não desejarem quebrar a uniformi-

dade nacional da produção de sapatos, levante, os chineses não se mostraram receptivos à ideia de importar os sapatos da Samello, conforme a proposta apresentada por Oswaldo Fábio de Mello. Mas poderão comprar soldados de sintético industrial. Pediram proposta concreta, que vão examinar.

Sergio Lupatelli, da Manso-Madeira Nacional SA — não encontrou interesse por um projeto de piscicultura, um dos pontos de sua proposta, mas sim por reflorestamento, de resto seu principal objetivo. Lupatelli observou que os chineses não querem reflorestar para extrair resultados econômicos, mas apenas para proteger e recompor o meio ambiente. Os chineses mostraram-se também esperançosos de contar com o Brasil como fornecedor de madeira para seus vastos programas habitacionais, especialmente na área de chapas. Eles deram a Lupatelli a impressão de serem absolutamente leais nas respostas, despreocupados de impressionar o interlocutor, e admitindo discutir seus problemas sem espírito propagandístico de natureza ideológica. Por fim, finalmente, mostraram-se os chineses bastante receptivos à proposta de Paulo Roberto Penteado dos Santos, da Hansen Industrial, e Jacques Siekierski, da Itap, de negociar tubos de PVC. Os brasileiros apresentaram três hipóteses:

1. pacote incluindo fornecimento dos tubos em troca do PVC bruto que os chineses têm disponível (30 mil toneladas) sem dinheiro na operação;
2. "joint venture" para fabricar os tubos na China;
3. venda de "know how" e projetos para a construção de fábrica para os chineses.

Os chineses novamente se mostraram dispostos a continuar a conversa hoje, a partir do momento em que souberam, com surpresa, que os ofertantes são o maior comprador individual de PVC do mundo e que, como lhes informa Mário Garnero, seu poder competitivo se ilustra com o fato de que o Brasil exporta tubos de PVC para os Estados Unidos.

Os brasileiros, no entanto, verificaram logo um grande entrave burocrático às negociações relativas à vinculação entre exportações e importações. E que, ao mesmo tempo que desejam comprar de preferência a quem se disponha a adquirir mercadorias chinesas, para viabilizar seu balanço de pagamentos, as autoridades chinesas ligadas à importação não têm vínculo de nenhuma espécie com as de exportação e decidem com absoluta e recíproca autonomia.

Mas outra lição também recolheram os brasileiros na China: não há "nãos" definitivos e absolutos aqui. Um "não", em Pequim, pode virar um "sim" em Xangai ou Cantão — pois essas Municipalidades resolvem seus negócios (petróleo à parte) com grande independência, mesmo em face do poder central.

Ontem foi o último dia da missão do Brasilinvest em Pequim. Hoje cedo estará em Xangai e amanhã irá para Cantão, onde terminará a visita à China.

## Como funciona a imprensa chinesa

Gerardo Mello Mourão,  
de Pequim

"A viúva de Mao e seus companheiros do "Bando dos Quatro" estão vivos, e serão julgados", declarou ontem aos jornalistas brasileiros que o visitaram, o sr. An Gang, diretor do maior jornal da China, o "Ren Min Bao" resp. Jendo a uma pergunta deste correspondente.

Os jornalistas Boris Casoy, editor-responsável da "Folha", e os editores Jorge Miguel, do "Estado de S. Paulo" e Evandro Carlos de Andrade, de "O Globo", que acompanharam em Pequim a missão comercial chefiada pelo líder empresarial Mário Garnero, estiveram pela manhã, juntamente com o chefe de imprensa da Brasilinvest, jornalista Mauro Ribeiro, na sede do Xinhua — a agência de informações da China. Foram ali recebidos pelo diretor de relações internacionais, sr. Li e se inteiraram do funcionamento daquela organização, que tem cerca de cento e oitenta correspondentes no Exterior, e que edita o único jornal diário em inglês de Pequim, um boletim de cinquenta páginas com informações locais e notícias de todo o mundo.

Tomaram parte no encontro dois jornalistas chineses, meus velhos conhecidos, Pah Pang Bing e Chang, que estão de partida para o Brasil, onde permanecerão como correspondentes.

O "Ren Min Bao" — literalmente "Jornal do Povo" — é o órgão oficial do Partido Comunista chinês. Recebe também a visita dos jornalistas brasileiros o sr. An, membro do Comitê Central do PC e editor-chefe do jornal antes mesmo de sua fundação oficial a 15 de junho de 1948, num distrito da província de Hebei, quando deixou de ser um órgão clandestino do partido e da revolução, da qual o sr. An Gang foi combatente ativo nas fileiras da Grande Marcha de Mao Tsetung.

A atual circulação do "Ren Min Bao" é de 7 milhões de exemplares, o que deixou Boris, Evandro e Jorge de queixo caído. Desses sete milhões, dois milhões são vendidos em Pequim, e os outros cinco milhões são transmitidos por foto-imprensa e rodados em outras nove cidades da China, entre as quais não está Xangai, a maior do país e os guias de turismo dizem que do mundo, com seus doze milhões de habitantes, e que tem sua própria grande imprensa.

A distribuição do jornal, de que sou assinante desde que cheguei à China, é feita pelo Departamento de Correios; 1.600 pessoas trabalham no "Ren Min Bao" sendo quinhentas delas no "staff" editorial, 600 nas oficinas e cerca de 500 na administração. O jornal se serve do noticiário doméstico e internacional da agência de

notícias chinesa "Xinhua" e tem seus próprios correspondentes em Washington, Londres, Tóquio, Cairo, Bucarest, Belgrado, Argel, Dar-es-Salaam, Pyongyang e Islamabad.

An Gang, um velho militante político, no vigor de seus 61 anos, foi sempre um homem da ala liberal do Partido Comunista, segundo me informam aqui. Colocado sob suspeita e perseguido durante o governo do "Bando dos Quatro", conseguiu sobreviver para assistir à reabilitação de Teng Hsiaoping, seu velho companheiro de fundação do jornal, juntamente com Lin Pochan.

Um chinês de rosto redondo e simpático, com seu cabelo abundante e composto, e que poderia ser confundido com um cearense, um alagoano ou um paraibano, An Gang continua a ser um progressista dentro da linha do partido, e esta é a orientação que imprime ao jornal, sempre atento às críticas dos leitores. Diversos jornais menores são editados pelo "Ren Min Bao", entre eles um jornal ilustrado e em cores, apenas destinado às atividades de marketing com todas as páginas cheias de anúncios de produtos nacionais ou estrangeiros. Para que os anunciantes brasileiros tenham uma escala: a página custa 10 mil dólares.

Além disso, o "Ren Min Bao" edita ainda um jornal de sátira e de humor em que os chineses fazem suas críticas ao funcionamento da administração e riem dos burocratas, uma praga do país, como em toda parte. Este jornal satírico tira 250 mil exemplares e não chega para as encomendas.

Entre potes de chá de jasmim, o editor de assuntos internacionais, Shen Minghe, informou que já está funcionando aqui uma Associação Chinesa de Imprensa, que serve como ponto de encontro e distribuição de informações entre jornalistas. Momentos antes eu havia perguntado ao sr. Li, da agência Xinhua, por não se permite que os correspondentes estrangeiros aqui mantenham um clube ou associação — fundamental para o bom desempenho do seu trabalho, pretensão até hoje cozinhada em banho-maria pelos responsáveis do Departamento de Informação, e sr. Li não respondeu, mas observou que o trabalho dos correspondentes é sempre difícil em Pequim.

Já no "Ren Min Bao", o sr. An Gang, interpelado sobre o assunto, colocou a Associação de Imprensa da China à disposição do correspondente, que tomou nota do oferecimento e vai passar a explorá-lo diariamente.

Amanhã Boris, Evandro e Miguel partem para Xangai, de lá para Cantão, depois Hong Kong, com os demais membros da missão Mário Garnero.

## Como funciona a imprensa chinesa

Gerardo Mello Mourão,  
de Pequim

"A viúva de Mao e seus companheiros do "Bando dos Quatro" estão vivos, e serão julgados", declarou ontem aos jornalistas brasileiros que o visitaram, o sr. An Gang, diretor do maior jornal da China, o "Ren Min Bao" respondendo a uma pergunta deste correspondente.

Os jornalistas Boris Casoy, editor-responsável da "Folha", e os editores Jorge Miguel, do "Estado de S. Paulo" e Evandro Carlos de Andrade, de "O Globo", que acompanharam em Pequim a missão comercial chefiada pelo líder empresarial Mário Garnero, estiveram pela manhã, juntamente com o chefe de imprensa da Brasilinvest, jornalista Mauro Ribeiro, na sede do Xinhua — a agência de informações da China. Foram ali recebidos pelo diretor de relações internacionais, sr. Li e se inteiraram do funcionamento daquela organização, que tem cerca de cento e oitenta correspondentes no Exterior, e que edita o único jornal diário em inglês de Pequim, um boletim de cinquenta páginas com informações locais e notícias de todo o mundo.

Tomaram parte no encontro dois jornalistas chineses, meus velhos conhecidos, Pah Pang Bing e Chang, que estão de partida para o Brasil, onde permanecerão como correspondentes.

O "Ren Min Bao" — literalmente "Jornal do Povo" — é o órgão oficial do Partido Comunista Chinês. Recebeu também a visita dos jornalistas brasileiros o sr. An, membro do Comitê Central do PC e editor-chefe do jornal antes mesmo de sua fundação oficial a 15 de junho de 1948, num distrito da província de Hebei, quando deixou de ser um órgão clandestino do partido e da revolução, da qual o sr. An Gang foi combatente ativo nas fileiras da Grande Marcha de Mao Tsetung.

A atual circulação do "Ren Min Bao" é de 7 milhões de exemplares, o que deixou Boris, Evandro e Jorge de queixo calado. Desses sete milhões, dois milhões são vendidos em Pequim, e os outros cinco milhões são transmitidos por foto-impresão e rodados em outras nove cidades da China, entre as quais não está Xangai, a maior do país e os guias de turismo dizem que do mundo, com seus doze milhões de habitantes, e que tem sua própria grande imprensa.

A distribuição do jornal, de que sou assinante desde que cheguei à China, é feita pelo Departamento de Correios; 1.600 pessoas trabalham no "Ren Min Bao" sendo quinhentas delas no "staff" editorial, 600 nas oficinas e cerca de 500 na administração. O jornal se serve do noticiário doméstico e internacional da agência de

notícias chinesa "Xinhua" e tem seus próprios correspondentes em Washington, Londres, Tóquio, Cairo, Bucarest, Belgrado, Argel, Dar-es-Salaam, Pyongyang e Islamabad.

An Gang, um velho militante político, no vigor de seus 61 anos, foi sempre um homem da ala liberal do Partido Comunista, segundo me informam aqui. Colocado sob suspeita e perseguido durante o governo do "Bando dos Quatro", conseguiu sobreviver para assistir à reabilitação de Teng Hsiaoping, seu velho companheiro de fundação do jornal, juntamente com Lin Pochan.

Um chinês de rosto redondo e simpático, com seu cabelo abundante e composto, e que poderia ser confundido com um cearense, um alagoano ou um paraibano, An Gang continua a ser um progressista dentro da linha do partido, e esta é a orientação que imprime ao jornal, sempre atento às críticas dos leitores. Diversos jornais menores são editados pelo "Ren Min Bao", entre eles um jornal ilustrado e em cores, apenas destinado às atividades de marketing com todas as páginas cheias de anúncios de produtos nacionais ou estrangeiros. Para que os anunciantes brasileiros tenham uma escala: a página custa 10 mil dólares.

Além disso, o "Ren Min Bao" edita ainda um jornal de sátira e de humor em que os chineses fazem suas críticas ao funcionamento da administração e riem dos burocratas, uma praga do país, como em toda parte. Este jornal satírico tira 250 mil exemplares e não chega para as encomendas.

Entre potes de chá de jasmim, o editor de assuntos internacionais, Shen Minghe, informou que já está funcionando aqui uma Associação Chinesa de Imprensa, que serve como ponto de encontro e distribuição de informações entre jornalistas. Momentos antes eu havia perguntado ao sr. Li, da agência Xinhua, por não se permite que os correspondentes estrangeiros aqui mantenham um clube ou associação — fundamental para o bom desempenho do seu trabalho, pretensão até hoje cozinhada em banho-maria pelos responsáveis do Departamento de Informação, e sr. Li não respondeu, mas observou que o trabalho dos correspondentes é sempre difícil em Pequim.

Já no "Ren Min Bao", o sr. An Gang, interpelado sobre o assunto, colocou a Associação de Imprensa da China à disposição do correspondente, que tomou nota do oferecimento e vai passar a explorá-lo diariamente.

Amanhã Boris, Evandro e Miguel partem para Xangai, de lá para Cantão, depois Hong Kong, com os demais membros da missão Mário Garnero.

# Comércio Brasil-China em nível preferencial

Especial para o DCI

PEQUIM - O vice-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chic, assegurou que o Brasil receberá tratamento preferencial no comércio com o mercado chinês, no quadro de relações que conduzam sempre ao equilíbrio da balança entre os dois países. Durante audiência concedida ao chefe da missão comercial brasileira que se encontra na China, Mário Garnero, a autoridade chinesa esclareceu que esta é uma posição oficial do governo da China e não apenas do seu ministério e informou que todas as corporações econômicas do país receberam orientação nesse sentido.

No encontro de mais de uma hora com Mário Garnero, o vice-ministro chinês, que é o mesmo que assinou o protocolo de restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1974, manifestou a esperança de que o intercâmbio econômico Brasil-China seja incrementado para US\$ 500 milhões, o dobro do atual montante. Chen Chic transmitiu aos membros da delegação brasileira a satisfação da China com as negociações realizadas pelos empresários do Brasil, dizendo-se particularmente animado com a decisão da missão de abrir um escritório de representação no País.

Embora nenhum negócio concreto tenha sido fechado pela missão - expectativa natural dos empresários em se tratando da China - os contatos e conversações mantidos poderão gerar decisões positivas para o Brasil no futuro, tanto na área de importação-exportação quanto na área de investimentos associativos. A possibilidade de formação de "joint-ventures" foi amplamente discutida pelos brasileiros e chineses, tendo havido o compromisso dos chineses de detalhar suas pretensões na implantação de fábricas brasileiras na China.

## ASSOCIAÇÕES

Dois eventuais empreendimentos provocaram maior atenção dos chineses. O primeiro, para a produção dos tubos de PVC na China através da Hansen Industrial, empresa localizada em Santa Catarina; o segundo, para a implantação de uma fábrica de embalagens plásticas, em associação com a Itap, de São Paulo. Os chineses se disseram dispostos também a estudar a viabilidade de implantação de uma fábrica de ônibus, numa "joint-venture" que reunirá, da parte brasileira, as empresas Caio e Marcopolo.

O interesse da China pelo incremento de suas relações comerciais com o mundo encontra no Brasil um parceiro com grande potencialidade. De fato, os sucessivos contatos e a troca de informações entre os dois países, quer a nível de governo, quer a nível empresarial privado, demonstram que o intercâmbio tem um longo caminho a percorrer, com benefícios mútuos para as duas nações. Embora conhecidos como negociadores difíceis, os chineses parecem sinceros na sua decisão de se aproximar do Brasil. Somente no corrente ano sete grupos comerciais da China visitarão o Brasil. São eles: grupo de compra de produtos siderúrgicos, compra de tubos de aço, missão para venda de produtos em conserva, delegação para venda de produtos químicos, grupo de pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos animais. Estarão também no Brasil uma missão da China National Foreign Trade Transportation Corporation e uma delegação da China National Machinery Import and Export Corporation.

Além dessas, duas outras delegações de chineses visitarão o Brasil a convite da missão de empresários que aqui se encontram. A primeira conhecerá de perto as experiências brasileiras na área de florestamento e reflorestamento, a convite do empresário Sérgio Lupatelli, da Madeireira Nacional S.A. (Manasa). A segunda delegação será formada por jornalistas de alto nível da China, entre os quais o diretor do Diário do Povo, An Gang.

O presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, chefe da delegação, esclareceu que a atual atmosfera favorável ao Brasil na China é consequência direta do trabalho de preparação realizado pelo Itamarati e que resultou na criação, há cerca de dois meses da comissão mista Brasil-China.

Depois de cinco dias em Pequim, a missão comercial brasileira viajará para Shangai e depois para Cantão, onde visitará a feira comercial e prosseguirá contatos com os dirigentes das corporações econômicas chinesas.

## Pequim dá preferência a produtos brasileiros

PEQUIM — O vice-primeiro-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, informou a Mário Garnero, presidente do Brasilinvest e chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento especial, não só a nível de governo, mas de todas as corporações chinesas de produção. Chen Chie, que assinou há seis

anos o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, disse que o comércio entre os dois países, hoje de US\$ 250 milhões anuais, poderá chegar facilmente aos US\$ 500 milhões nos próximos dois anos, com a realização de novos negócios, além das compras de carvão e petróleo.



# China: preferência a produtos brasileiros

**Do enviado especial**

**PEQUIM** — O vice-primeiro-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, que assinou há seis anos o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, informou a Mário Garnero, presidente do Brasilinvest e chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento preferencial, não só a nível de governo, mas de todas as corporações chinesas de produção.

Em encontro de uma hora com a delegação brasileira, Chen Chie disse acreditar que o comércio entre os dois países, hoje de US\$ 250 milhões anuais, possa chegar facilmente aos US\$ 500 milhões nos próximos dois anos, partindo-se para novos negócios, além das tradicionais compras de carvão e petróleo.

O vice-primeiro-ministro informou a Garnero que, este ano, sete missões comerciais chinesas visitarão o Brasil e considerou bastante positivo que o consórcio de empresas brasileiras de engenharia tenha deixado na China dois engenheiros, que darão assistência técnica a vários projetos hidrelétricos. Chen Chie considerou indispensável a abertura de um escritório de representação comercial brasileiro no país, sendo informado por Garnero de que o Brasilinvest já tomou a decisão de instalá-lo em Pequim, imediatamente, para dar seqüência a vários contatos já iniciados.

A delegação comercial brasileira do Brasilinvest convidou — e os convites foram aceitos — duas missões chinesas para ir ao Brasil. A primeira, formada por elementos da área de silvicultura, visitará projetos de reflorestamento e indústria madeireira, em virtude do grande interesse demonstrado pelos chineses no setor, praticamente desconhecido no país, bastante dependente de matéria-prima para chapas de madeira e madeira serrada. O convite for-

mal, feito por Sérgio Lupatelli, da Manasa Madeireira Nacional e Brasilinvest, já foi aceito oficialmente e a missão chegará ao Brasil nos próximos meses.

A segunda delegação chinesa convidada pelo Brasilinvest será formada por jornalistas, que percorrerão o Brasil para divulgar, em seu país, o atual desenvolvimento brasileiro. Em vários encontros dos empresários da missão comercial — inclusive com a direção da agência "Nova China", a agência oficial de notícias chinesa, e editores do "Diário do Povo", órgão oficial do Partido Comunista da China —, ficou claro que há um grande interesse em se estudar o modelo de desenvolvimento brasileiro, para extrair lições que possam ser aproveitadas pelo governo chinês, que se diz impressionado com os resultados obtidos pelo Brasil nos últimos vinte anos.

Tais resultados são o mesmo que a China pretende atingir com seu plano de quatro modernizações, que inclui transformações radicais nas áreas de ciência, tecnologia, agricultura e defesa nacional.

### CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

A missão brasileira manteve vários contatos com a China International Trust and Investment Co. (Citic), uma espécie de BNDE local, que se mostrou disposta a agenciar a formação de "joint-ventures" na China. As condições, segundo os empresários brasileiros, são favoráveis. Na montagem de fábricas, por exemplo, a maior exigência é que todo o investimento que requeira dispêndio de capitais seja compensado com a exportação no valor equivalente, para que haja sempre um equilíbrio. Além disso, a lei de remessa de lucros chinesa é considerada bastante razoável, bem menos exigente que a brasileira e não há nenhuma restrição quanto à quantidade de valores reme-

Embora nenhum negócio se tenha concretizado durante a viagem — e isso os brasileiros sabiam que dificilmente aconteceria —, a atual visita foi considerada altamente satisfatória, em virtude dos resultados que já apresentou.

A abertura do escritório de representação em Pequim; o convite imediatamente aceito pelas duas delegações que visitarão o Brasil; a informação oficial de tratamento preferencial para produtos brasileiros na China, e a estadia de dois engenheiros brasileiros especialistas na construção de hidrelétricas, que permanecerão no país no mínimo quatro meses, com todas as despesas pagas pelo governo chinês, são considerados indícios seguros de que os resultados alcançados até agora estão acima das expectativas.

O próprio Mário Garnero, presidente da Brasilinvest, que organizou e chefiou a delegação brasileira, mostrou-se surpreendido com o canunho percorrido até agora. Exatamente por isso, várias decisões — como a instalação de um escritório local — foram tomadas com muita rapidez, a pedido, inclusive, dos próprios chineses, interessados em que os contatos estabelecidos nesta viagem tenham uma seqüência efetiva.

Além de Garnero, a missão brasileira que visita a China é formada por Sansão Woller, do Brasilinvest; Henrique Herweg, da Themag Engenharia; Sérgio Jih Chem Hau e Lin Suh Nan, também da Themag, que ficarão na China; Sérgio Lupatelli, da Manasa; Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial; Oswald da Hansen Industrial; Oswaldo Sábio de Mello, da Calçada Samello; William King, da KTD do Brasil; Harry Joory, da Joory S/A; Romeu Bruy, da Ônibus Marcopolo; no, da Ônibus Marcopolo; Cláudio Regina, da Ônibus Cláudio Regina; Jacques Slekierski, da Caio; Jacques Slekierski, da Itap Artefatos Plásticos; e Eloy Fontes Lessa, da Ficsa Financiamento e Investimento.

## A China quer nossos produtos. Mais do que os de outros países.

Por Miguel Jorge, enviado especial.

O vice-presidente ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, que assinou, há seis anos, o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, informou a Mário Garnero, do Brasilinvest, chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento preferencial, não só a nível de governo, mas também de todas as corporações chinesas de produção.

Chen Chie, em encontro de uma hora com a delegação brasileira, disse acreditar que o comércio entre os dois países, hoje em 250 milhões de dólares anuais, possa chegar facilmente aos 500 milhões, nos próximos dois anos, partindo-se para novos negócios, além das tradicionais compras de carvão e petróleo.

O vice-ministro informou a Mário Garnero que, este ano, sete missões chinesas visitarão o Brasil e considera bastante positivo que o consórcio tenha deixado, na China, dois engenheiros que darão assistência técnica para vários projetos hidrelétricos. Chien Chie considerou indispensável a abertura de um escritório de representação comercial brasileira em seu país, sendo informado, por Garnero, de que o Brasilinvest já tomou a decisão de instalá-lo, em Pequim, imediatamente para dar seqüência a vários contatos já iniciados.

### Os convites

A delegação comercial brasileira convidou — e os convites foram aceitos — duas missões chinesas para visitarem o Brasil: a primeira, formada por elementos da área da silvicultura, visitará projetos de reflorestamento e a indústria madeireira, em virtude do grande interesse demonstrado pelos chineses sobre o setor, praticamente desconhecido no país, bastante dependente de matéria-prima para chapas de madeira e madeira serrada. O convite formal, feito por Sérgio Lupatelli, do setor madeireiro nacional, foi aceito oficialmente e a missão chegará ao Brasil nos próximos meses.

A segunda delegação chinesa convidada pelo Brasilinvest será formada por jornalistas chineses, que percorrerão o país para mostrar o atual desenvolvimento brasileiro. Em vários encontros dos empresários da missão comercial com a direção da Agência Nova China, agência oficial de notícias, e editores do Diário do Povo, órgão oficial do Partido Comunista da China, ficou claro que há um grande interesse em se estudar o modelo de desenvolvimento brasileiro, para extrair lições que possam ser aproveitadas pelo governo chinês, que se diz impressionado com os resultados obtidos pelo Brasil nos últimos 20 anos.

Esses resultados são os mesmos que a China pretende obter com seu plano de quatro modernizações, que inclui transfor-

mações radicais nas áreas de ciência, tecnologia, agricultura defesa nacional.

### Bons resultados

A missão brasileira manteve vários contatos com a China Internacional Trust and Investment Co. — Citic —, uma espécie de BNDE local, que se mostrou disposta a agenciar a formação de *jointventures* na China. As condições, segundo os empresários, são favoráveis à montagem de fábricas, por exemplo. A maior exigência é que todo investimento que requeira dispêndio de capital deve ser compensado com a exportação no valor correspondente, para que haja sempre um equilíbrio. Além disso, a lei de remessa de lucros chinesa é considerada bastante razoável e bem menos exigente que a brasileira, sem nenhuma restrição quanto à quantidade de valores remetidos.

Embora nenhum negócio tenha se concretizado durante a viagem — e isso os brasileiros sabiam que dificilmente aconteceria — a atual visita foi considerada altamente satisfatória em virtude dos resultados que já apresentou. A abertura do escritório de representação em Pequim, o convite imediatamente aceito para que as duas delegações visitem o Brasil, a informação oficial de tratamento preferencial para os produtos brasileiros na China e a estada de dois engenheiros brasileiros, especialistas na construção de hidrelétricas, que permanecerão no país no mínimo quatro meses, com todas as despesas pagas pelo governo chinês, são considerados indícios seguros de que os resultados alcançados até agora estão acima das expectativas.

### Surpresa

O próprio Mário Garnero, presidente da Brasilinvest, que organizou e chefiou a delegação brasileira, mostrou-se surpreendido com o caminho percorrido até agora. Exatamente por isso, várias decisões como a instalação de um escritório local — foram tomadas com muita rapidez, a pedido, inclusive, dos próprios chineses, interessados em que os contatos estabelecidos nesta viagem tenham uma seqüência efetiva.

A missão brasileira que visita a China é formada por Mário Garnero; Sansão Woiler, da Brasilinvest; Henrique Herweg, da Themag Engenharia; Sérgio Jih Chem Hau, da Themag (ficará na China); Lin Suh Nan, da Themag (ficará na China); Sérgio Lupatelli, da Manasa; Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial; Oswaldo Sábio de Mello, da Calçados Samello; Willian de King, da KTD do Brasil; Harry Joory, da Joory S.A.; Romeu Bruno, da Ônibus Marcopolo; Cláudio Regina, da Ônibus Caio; Jacques Siekierski, da Itap Artefatos Plásticos; e Eloy Fontes Lessa, da Ficsa Financiamento e Investimento.

### Brasileiros têm preferência para comprar na China

PEQUIM — Em igualdade de condições com produtos de outros países, os brasileiros têm, a partir de agora, preferência de compra pela China. No entanto, essas transações ficam vinculadas ao permanente equilíbrio da balança comercial entre os dois países, o que significa que a venda de produtos brasileiros deve corresponder imediatamente a uma contrapartida de compra de produtos chineses. Essa informação é do vice-ministro do Comércio Exterior da República Popular da China, Chen Chie, que a transmitiu ontem, a Mário Garnero, chefe da delegação de empresários brasileiros organizada pelo Brasilinvest, que visita o país, durante audiência, de uma hora, na sede do ministério, nesta cidade.

Chen Chie, que em 1974 assinou a nota do reatamento de relações diplomáticas entre Brasil e China, recebeu Garnero na ausência do titular da pasta, Li Quian, que se encontra em viagem à Austrália.

Segundo o chefe da delegação brasileira, o vice-ministro espera que essa preferência concedida a produtos brasileiros eleve o comércio entre os dois países dos atuais 250 milhões de dólares para cerca de 500 milhões nos próximos três anos. Dentre os produtos que a China deve vender ao Brasil incluem-se o petróleo, em quantidade ainda não estabelecida, e carvão. Durante o encontro enfatizou-se a necessidade da rápida implantação em Pequim de uma agência do Banco do Brasil e de uma agência do Banco da China em nosso País.

Finalmente, Chen Chie informou que, ainda este ano, sete missões comerciais chinesas seguirão para o Brasil. Uma para compra de produtos siderúrgicos, outra visando a aquisição de tubos de aço, uma terceira para a venda de produtos químicos, em seguida uma outra integrada por especialistas em produtos nativos e subprodutos de animais. Outras delegações vão procurar intercâmbio nas áreas de transporte e maquinaria.

A delegação brasileira seguiu ontem para Xangai, onde permanece

para uma nova série de contatos, embarcando hoje para Cantão onde encerra seus trabalhos.

#### MADEIRA

A China enviará ainda este ano ao Brasil uma delegação da Corporação Geral Chinesa para importação e exportação de produtos da silvicultura. Este foi o resultado das conversações mantidas em Pequim pelo diretor da Manasa, Sérgio Lupateli, com autoridades do setor.

De acordo com Lupateli, os chineses mostraram grande interesse na aquisição de compensados de madeira e na implantação de florestas econômicas, tendo sido iniciadas negociações para venda de produtos e sessão de tecnologia. Ele vê boas perspectivas nesse campo, pois as autoridades chinesas mostram-se preocupadas com o suprimento de madeiras, ligado aos planos de construção de novas habitações e mobiliário.

Foram iniciadas também negociações concretas nos setores de tubos de PVC, embalagens e venda ou fabricação de ônibus.

Os encontros mantidos pelos empresários brasileiros na CITIC — China International Trust Investment Corporation — entidade diretamente vinculada ao Conselho de Estado, — uma espécie de BNDE local — também mostraram-se promissores, segundo os empresários que foram recebidos pelo presidente da entidade. Durante as conversações surgiram propostas para a criação de diversas "joint ventures".

Na área hidrelétrica, a Themag Engenharia decidiu manter na China dois de seus engenheiros que integram a delegação para acompanhar a evolução dos estudos referentes às propostas oferecidas por aquela empresa aos chineses. Eles devem permanecer em Pequim por mais três meses.

Mário Garnero convidou, em nome do Brasilinvest, vários dos responsáveis pelo comércio chinês para visitarem o Brasil. Entre os convidados encontra-se An Gang, editor-chefe do "Diário do Povo", de Pequim órgão oficial do Partido Comunista Chinês.

# China vai dar preferência aos produtos brasileiros

XANGAI — "Em igualdade de condições, compraremos sempre os produtos brasileiros". Esta promessa, feita pelo vice-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chieh, ao chefe da missão de empresários brasileiros, Mário Garnero, assinala o êxito dessa tentativa de abrir o mercado chinês às mercadorias e aos serviços que o Brasil precisa exportar.

Ficou claro, na entrevista que assinalou o segundo e último dia de contatos com as autoridades chinesas em Pequim, que tal promessa fi-

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE  
Enviado especial do GLOBO

ca vinculada ao esforço mútuo para dobrar em dois anos o volume de negócios entre os dois países, que no momento é de US\$ 250 milhões anuais, assim como manter equilibrada a balança comercial. Isso implica nosso dever de comprar da China tanto quanto lhe vendermos.

Chen Chieh foi o chefe da delegação que assinou, pelo governo chinês, a ata de restabelecimento de re-

lações com o Brasil, firmada também pelo chanceler Azeredo da Silveira, durante o governo Geisel. Ele expressou a Mário Garnero sua admiração pelo salto desenvolvimentista dado pelo Brasil e sua atitude, ao longo de uma hora de entendimentos, foi sempre de simpatia e abertura para com nosso País.

Garnero aproveitou para realçar o empenho do Banco do Brasil de, dentro do espírito de reciprocidade, abrir uma agência na China, o que por certo contribuirá para o incremento das relações comerciais entre os dois países.

## Chineses enviarão sete missões em 80

XANGAI (de Evandro Carlos de Andrade) — A China vai enviar ao Brasil este ano sete missões comerciais, todas no segundo semestre, além de uma delegação de jornalistas que atenderá ao convite de Mário Garnero, chefe da delegação do Brasilinvest, ora em visita a este país.

As missões chinesas serão: um grupo de compra de produtos siderúrgicos, um de compra de tubos de aço, um de venda de produtos em conserva, um de venda de produtos químicos, um da Chinatnuhsu (pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos de animais), um do Zhong Waiyn (China National Foreign Trade Transportation Corporation), e um da Machimpex (China National Machinery Import and Export Corporation) para fazer pesquisa de mercado e venda de produtos.

O convite aos jornalistas foi feito por Mário Garnero diretamente ao diretor do "Diário do Povo" (o maior jornal da China), An Gang.

A missão dos empresários brasileiros tornou claro que existe otimismo de lado a lado para o incremento dos negócios entre o Brasil e a China, mas que parale-

lamente muitas dificuldades terão que ser vencidas.

Os chineses, que neste momento tentam ganhar velocidade para decolar seu vôo desenvolvimentista, dão invariavelmente preferência pela formação de **joint ventures** (projetos conjuntos) e requerem sempre consultoria específica para cada assunto em negociação. Ou seja, para descontar 40 anos de absoluta paralisia tecnológica, desejam comprar **know how** e caixas pretas. Como enfrentam notável escassez de recursos, exigem preliminarmente dos eventuais parceiros a possibilidade de arrecadar, com exportações dos seus produtos, o montante que eles, chineses, tiverem de despendar em divisas para remunerar adequadamente esses parceiros estrangeiros.

Acontece, porém, que também como consequência dessas quatro décadas de estagnação, existe uma certa perplexidade sobre as regras que regerão esses empreendimentos em sociedade com estrangeiros. Observa-se, por exemplo, que não existe uma escrituração contábil nas empresas chinesas, mas apenas o controle de caixa, que é tudo a que elas estão obrigadas num regime socia-

lista. Nem mesmo há uma conceitualização clara, para os chineses, do que seja capital. E como definir o lucro sem estabelecer o que é capital?

Outro problema a ser enfrentado pelo investidor estrangeiro é o conceito de preço. Quem regula o preço? A resposta é que será o preço do mercado internacional, mas o estrangeiro considera vaga tal perspectiva. E os conflitos entre as partes, quem julgará? Não se sabe.

Há ainda a questão salarial, pois o estrangeiro investidor terá que trazer pessoal habilitado, a salários muito maiores do que os vigentes na China, onde, além de partirem de piso baixo, variam numa escala de no máximo 300 por cento de diferença, enquanto no Brasil, por exemplo, essa escala é da ordem de 1.200 por cento.

Enfim, há um longo e penoso caminho a percorrer para elevar o montante dos negócios entre os dois países, mas os empresários brasileiros não estão nem de longe desanimados: como o mundo inteiro, encaram com fascínio as perspectivas de um mercado de um bilhão de pessoas, o maior potencial quantitativo de consumo em todo o mundo.

## Comércio Brasil-China em nível preferencial

*Especial para o DCI*

PEQUIM - O vice-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chic, assegurou que o Brasil receberá tratamento preferencial no comércio com o mercado chinês, no quadro de relações que conduzam sempre ao equilíbrio da balança entre os dois países. Durante audiência concedida ao chefe da missão comercial brasileira que se encontra na China, Mário Garnero, a autoridade chinesa esclareceu que esta é uma posição oficial do governo da China e não apenas do seu ministério e informou que todas as corporações econômicas do país receberam orientação nesse sentido.

No encontro de mais de uma hora com Mário Garnero, o vice-ministro chinês, que é o mesmo que assinou o protocolo de restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países em 1974, manifestou a esperança de que o intercâmbio econômico Brasil-China seja incrementado para US\$ 500 milhões, o dobro do atual montante. Chen Chic transmitiu aos membros da delegação brasileira a satisfação da China com as negociações realizadas pelos empresários do Brasil, dizendo-se particularmente animado com a decisão da missão de abrir um escritório de representação no País.

Embora nenhum negócio concreto tenha sido fechado pela missão - expectativa natural dos empresários em se tratando da China - os contatos e conversações mantidos poderão gerar decisões positivas para o Brasil no futuro, tanto na área de importação-exportação quanto na área de investimentos associados. A possibilidade de formação de "joint-ventures" foi amplamente discutida pelos brasileiros e chineses, tendo havido o compromisso dos chineses de detalhar suas pretensões na implantação de fábricas brasileiras na China.

### ASSOCIAÇÕES

Dois eventuais empreendimentos provocaram maior atenção dos chineses. O primeiro, para a produção dos tubos de PVC na China através da Hansen Industrial, empresa localizada em Santa Catarina; o segundo, para a implantação de uma fábrica de embalagens plásticas, em associação com a Itap, de São Paulo. Os chineses se disseram dispostos também a estudar a viabilidade de implantação de uma fábrica de ônibus, numa "joint-venture" que reunirá, da parte brasileira, as empresas Caio e Marcopolo.

O interesse da China pelo incremento de suas relações comerciais com o mundo encontra no Brasil um parceiro com grande potencialidade. De fato, os sucessivos contatos e a troca de informações entre os dois países, quer a nível de governo, quer a nível empresarial privado, demonstram que o intercâmbio tem um longo caminho a percorrer, com benefícios mútuos para as duas nações. Embora conhecidos como negociadores difíceis, os chineses parecem sinceros na sua decisão de se aproximar do Brasil. Somente no corrente ano sete grupos comerciais da China visitarão o Brasil. São eles: grupo de compra de produtos siderúrgicos, compra de tubos de aço, missão para venda de produtos em conserva, delegação para venda de produtos químicos, grupo de pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos animais. Estarão também no Brasil uma missão da China National Foreign Trade Transportation Corporation e uma delegação da China National Machinery Import and Export Corporation.

Além dessas, duas outras delegações de chineses visitarão o Brasil a convite da missão de empresários que aqui se encontram. A primeira conhecerá de perto as experiências brasileiras na área de florestamento e reflorestamento, a convite do empresário Sérgio Lupatelli, da Madeireira Nacional S.A. (Manasa). A segunda delegação será formada por jornalistas de alto nível da China, entre os quais o diretor do Diário do Povo, An Gang.

O presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, chefe da delegação, esclareceu que a atual atmosfera favorável ao Brasil na China é consequência direta do trabalho de preparação realizado pelo Itamarati e que resultou na criação, há cerca de dois meses, da comissão mista Brasil-China.

Depois de cinco dias em Pequim, a missão comercial brasileira viajará para Shangai e depois para Cantão, onde visitará a feira comercial e prosseguirá contatos com os dirigentes das corporações econômicas chinesas.

### China abre as portas ao Brasil

Pequim - O Vice Ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, assegurou que o Brasil receberá tratamento preferencial no comércio com o mercado chinês, no quadro de relações, que conduzam sempre o equilíbrio da balança entre os dois países. Durante audiência concedida ao chefe da missão comercial brasileira que se encontra na China, Mário Garnero, a autoridade chinesa esclareceu que esta é uma posição oficial do Governo da China e não apenas do seu ministério e informou que todas as corporações econômicas do país receberam orientação nesse sentido.

No encontro de mais de uma hora com Mário Garnero, o Vice Ministro chinês, que é o mesmo que assinou o protocolo de restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1974, manifestou a esperança de que o intercâmbio econômico Brasil-China seja incrementado para 500 milhões de dólares, o dobro do atual montante. Chen Chie transmitiu aos membros da delegação brasileira a satisfação da China com as negociações realizadas pelos empresários do Brasil, dizendo-se particularmente animado com a decisão da missão de abrir um escritório de representação no país.

Embora nenhum negócio concreto tenha sido fechado pela missão - expectativa natural dos empresários - em se tratando da China - os contatos e conversações mantidos poderão gerar decisões positivas para o Brasil no futuro, tanto na área de importação - exportação quanto na área de investimentos associativos. A possibilidade de formação de "joint-ventures" foi amplamente discutida pelos brasileiros e chineses, tendo havido o compromisso dos chineses de detalhar suas pretensões na implantação de fábricas brasileiras na China.

Dois eventuais empreendimentos provocaram maior atenção dos chineses. O primeiro, para a produção dos tubos de PVC na China através da Hansen Industrial, empresa localizada em Santa Catarina; o segundo, para a implantação de uma fábrica de embalagens plásticas, em associação com a ITAP, de São Paulo. Os chineses disseram-se dispostos também a estudar a viabilidade de implantação de uma fábrica de ônibus, numa "joint-ventures" que reunirá, da parte brasileira, as empresas Caio e Marcopolo.

O interesse da China pelo incremento de suas relações comerciais com o mundo encontra no Brasil um parceiro com grande potencialidade. De fato, os sucessivos contatos e a troca de informações entre os dois países, quer a nível de governo, quer a nível empresarial privado, demonstram que o intercâmbio tem um longo caminho a percorrer, com benefícios mútuos para as duas nações. Embora conhecidos como negociadores difíceis, os chineses parecem sinceros na sua decisão de se aproximar do Brasil. Somente no corrente ano sete grupos comerciais da China visitarão o Brasil. São eles: grupo de compra de produtos siderúrgicos, compra de tubos de aço, missão para venda de produtos em conserva, delegação para venda de produtos químicos, grupo de pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos animais. Irão também ao Brasil uma missão da China National Foreign Trade Transportation Corporation e uma delegação da China National Machinery Import and Export Corporation.

Além dessas, duas outras delegações de chineses visitarão o Brasil a convite da missão de empresários que aqui se encontram. A primeira conhecerá de perto as experiências brasileiras na área de florestamento e reflorestamento, a convite do empresário Sérgio Lupatelli, da Madeireira Nacional S/A (MANASA). A segunda delegação será formada por jornalistas de alto nível da China, entre os quais o diretor do Diário do Povo, An Gang.

O presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, chefe da delegação esclareceu aos jornalistas integrantes da comitiva brasileira que a atual atmosfera favorável ao Brasil na China é consequência direta do trabalho de preparação realizado pelo Itamaraty e que resultou na criação, há cerca de dois meses, da Comissão Mista Brasil-China. Depois de cinco dias em Pequim, a missão comercial brasileira viajará para Shanghai e depois para Cantão, onde visitará a Feira Comercial e prosseguirá contatos com os dirigentes das corporações econômicas chinesas.

*Ducha*  
*Obrigado*  
*Francisco*

# China: preferência a produtos brasileiros

## Do enviado especial

**PEQUIM** — O vice-primeiro-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, que assinou há seis anos o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, informou a Mário Garnero, presidente do Brasilinvest e chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento preferencial, não só a nível de governo, mas de todas as corporações chinesas de produção.

Em encontro de uma hora com a delegação brasileira, Chen Chie disse acreditar que o comércio entre os dois países, hoje de US\$ 250 milhões anuais, possa chegar facilmente aos US\$ 500 milhões nos próximos dois anos, partindo-se para novos negócios, além das tradicionais compras de carvão e petróleo.

O vice-primeiro-ministro informou a Garnero que, este ano, sete missões comerciais chinesas visitarão o Brasil e considerou bastante positivo que o consórcio de empresas brasileiras de engenharia tenha deixado na China dois engenheiros, que darão assistência técnica a vários projetos hidrelétricos. Chen Chie considerou indispensável a abertura de um escritório de representação comercial brasileiro no país, sendo informado por Garnero de que o Brasilinvest já tomou a decisão de instalá-lo em Pequim, imediatamente, para dar seqüência a vários contatos já iniciados.

A delegação comercial brasileira do Brasilinvest convidou — e os convites foram aceitos — duas missões chinesas para ir ao Brasil. A primeira, formada por elementos da área de silvicultura, visitará projetos de reflorestamento e indústria madeireira, em virtude do grande interesse demonstrado pelos chineses no setor, praticamente desconhecido no país, bastante dependente de matéria-prima para chapas de madeira e madeira serrada. O convite for-

mal, feito por Sérgio Lupatelli, da Manasa Madeireira Nacional e Brasilinvest, já foi aceito oficialmente e a missão chegará ao Brasil nos próximos meses.

A segunda delegação chinesa convidada pelo Brasilinvest será formada por jornalistas, que percorrerão o Brasil para divulgar, em seu país, o atual desenvolvimento brasileiro. Em vários encontros dos empresários da missão comercial — inclusive com a direção da agência "Nova China", a agência oficial de notícias chinesa, e editores do "Diário do Povo", órgão oficial do Partido Comunista da China —, ficou claro que há um grande interesse em se estudar o modelo de desenvolvimento brasileiro, para extrair lições que possam ser aproveitadas pelo governo chinês, que se diz impressionado com os resultados obtidos pelo Brasil nos últimos vinte anos.

Tais resultados são os mesmos que a China pretende atingir com seu plano de quatro modernizações, que inclui transformações radicais nas áreas de ciência, tecnologia, agricultura e defesa nacional.

## CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

A missão brasileira manteve vários contatos com a China International Trust and Investment Co. (Citic), uma espécie de BNDE local, que se mostrou disposta a agenciar a formação de "joint-ventures" na China. As condições, segundo os empresários brasileiros, são favoráveis. Na montagem de fábricas, por exemplo, a maior exigência é que todo o investimento que requeira dispêndio de capitais seja compensado com a exportação no valor equivalente, para que haja sempre um equilíbrio. Além disso, a lei de remessa de lucros chinesa é considerada bastante razoável, bem menos exigente que a brasileira e não há nenhuma restrição quanto à quantidade de valores remetidos.

Embora nenhum negócio se tenha concretizado durante a viagem — e isso os brasileiros sabiam que dificilmente aconteceria —, a atual visita foi considerada altamente satisfatória, em virtude dos resultados que já apresentou.

A abertura do escritório de representação em Pequim; o convite imediatamente aceito pelas duas delegações que visitarão o Brasil; a informação oficial de tratamento preferencial para produtos brasileiros na China, e a estadia de dois engenheiros brasileiros especialistas na construção de hidrelétricas, que permanecerão no País no mínimo quatro meses, com todas as despesas pagas pelo governo chinês, são considerados indícios seguros de que os resultados alcançados até agora estão acima das expectativas.

O próprio Mário Garnero, presidente da Brasilinvest, que organizou e chefiou a delegação brasileira, mostrou-se surpreendido com o caminho percorrido até agora. Exatamente por isso, várias decisões — como a instalação de um escritório local — foram tomadas com muita rapidez, a pedido, inclusive, dos próprios chineses, interessados em que os contatos estabelecidos nesta viagem tenham uma seqüência efetiva.

Além de Garnero, a missão brasileira que visita a China é formada por Sansão Wöller, do Brasilinvest; Henrique Herweg, da Themag Engenharia; Sérgio Jih Chem Hau e Lin Suh Nan, também da Themag, que ficarão na China; Sérgio Lupatelli, da Manasa; Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial; Oswaldo Sávio de Mello, da Calçados Samello; William King, da KTD do Brasil; Harry Joory, da Joory S.A.; Romeu Bruno, da Ônibus Marcopolo; Cláudio Regina, da Ônibus Calo; Jacques Siekierski, da Itap Artefatos Plásticos; e Eloy Fontes Lessa, da Ficsa Financiamento e Investimento.

## China abre as portas ao Brasil

Pequim - O Vice Ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chic, assegurou que o Brasil receberá tratamento preferencial no comércio com o mercado chinês, no quadro de relações, que conduzam sempre o equilíbrio da balança entre os dois países. Durante audiência concedida ao chefe da missão comercial brasileira que se encontra na China, Mário Garnero, a autoridade chinesa esclareceu que esta é uma posição oficial do Governo da China e não apenas do seu ministério e informou que todas as corporações econômicas do país receberam orientação nesse sentido.

No encontro de mais de uma hora com Mário Garnero, o Vice Ministro chinês, que é o mesmo que assinou o protocolo de restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1974, manifestou a esperança de que o intercâmbio econômico Brasil-China seja incrementado para 500 milhões de dólares, o dobro do atual montante. Chen Chic transmitiu aos membros da delegação brasileira a satisfação da China com as negociações realizadas pelos empresários do Brasil, dizendo-se particularmente animado com a decisão da missão de abrir um escritório de representação no país.

Embora nenhum negócio concreto tenha sido fechado pela missão - expectativa natural dos empresários - em se tratando da China - os contatos e conversações mantidos poderão gerar decisões positivas para o Brasil no futuro, tanto na área de importação - exportação quanto na área de investimentos associativos. A possibilidade de formação de "joint-ventures" foi amplamente discutida pelos brasileiros e chineses, tendo havido o compromisso dos chineses de detalhar suas pretensões na implantação de fábricas brasileiras na China.

Dois eventuais empreendimentos provocaram maior atenção dos chineses. O primeiro, para a produção dos tubos de PVC na China através da Hansen Industrial, empresa localizada em Santa Catarina; o segundo, para a implantação de uma fábrica de embalagens plásticas, em associação com a ITAP, de São Paulo. Os chineses disseram-se dispostos também a estudar a viabilidade de implantação de uma fábrica de ônibus, numa "joint-ventures" que reunirá, da parte brasileira, as empresas Caio e Marcopolo.

O interesse da China pelo incremento de suas relações comerciais com o mundo encontra no Brasil um parceiro com grande potencialidade. De fato, os sucessivos contatos e a troca de informações entre os dois países, quer a nível de governo, quer a nível empresarial privado, demonstram que o intercâmbio tem um longo caminho a percorrer, com benefícios mútuos para as duas nações. Embora conhecidos como negociadores difíceis, os chineses parecem sinceros na sua decisão de se aproximar do Brasil. Somente no corrente ano sete grupos comerciais da China visitarão o Brasil. São eles: grupo de compra de produtos siderúrgicos, compra de tubos de aço, missão para venda de produtos em conserva, delegação para venda de produtos químicos, grupo de pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos animais. Irão também ao

## OPEP aprova reajuste trimestral de preços

Taif - A OPEP aceitou ontem, o princípio de um ajuste trimestral do preço mínimo do petróleo, mas três países - Irã, Argélia e Líbia - opuseram-se ao mecanismo aprovado pelos outros 10 membros da organização.

Uma maioria de países da OPEP aprovou na conferência extraordinária de dois dias em Taif o sistema preconizado pelo comitê ministerial de estratégia a longo prazo da organização, com vistas a dar certa estabilidade ao preço do petróleo.

Outras reuniões da OPEP - serão necessárias nos próximos meses para procurar suavizar as dificuldades levantadas pela oposição da Argélia, Irã e Líbia e chegar a um acordo até a reunião de cúpula de Bagdá, que a OPEP prevê para o início de novembro.

O ministro saudita, xeque Zaki Yamani, precisou que as delegações concordaram com a maioria das propostas do comitê de estratégia. Porém, os ministros da Argélia, Irã e Líbia disseram que o sistema de fixação de preços proposto não constitui uma garantia suficiente para a progressão do poder de compra derivado do barril de petróleo.

O ministro saudita informou que chegou-se a um acordo principalmente sobre o sistema de fixação de preços do petróleo.

O sistema proposto pelo Comitê de Estratégia consiste em ajustar trimestralmente os preços do petróleo levando em conta a taxa de inflação nos países ocidentais e das flutuações de algumas divisas, além da taxa de crescimento dos principais países industrializados.

Ao término da segunda jornada da reunião extraordinária da OPEP, o ministro saudita disse aos jornalistas que lhe perguntaram se teria havido acordo, que sim "na medida em que um acordo possa ser obtido".

Nos meios próximos à conferência, esta indicação foi interpretada como um acordo de princípio sobre o mecanismo, mas sem fixar detalhes bem preciosos sobre sua aplicação.

Zaki Yamani afirmou, por outro lado, que os ministros da OPEP não haviam discutido sobre os preços do petróleo.

O sistema preconizado pelo comitê prevê reajustes de preços do petróleo a cada trimestre, considerando três elementos:

1 - O impacto da inflação sobre o comércio internacional baseado nos índices dos preços no varejo e dos preços das exportações dos países ocidentais membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

2 - As flutuações das nove moedas que compõem a "cesta" adotada pela OPEP, chamada "Genebra 1", mais o dólar. Essas moedas são as divisas da Bélgica, França, Alemanha Federal, Itália, Japão, Holanda, Suécia, Grã-Bretanha e Suíça.

3 - A taxa de crescimento dos países da OCDE.

Segundo fontes próximas à conferência, Argélia, Líbia e Irã acham que a fórmula de fixação dos preços deveria considerar mais o índice dos preços dos produtos importados pela OPEP do

que os exportados pelos países ocidentais.

Por outro lado, estimam que se deve considerar não apenas o crescimento dos países ocidentais para ajustar o preço do barril de petróleo, mas também o crescimento dos países da OPEP e do Terceiro Mundo.

O mecanismo de fixação trimestral automática de um preço mínimo do petróleo constituía a principal proposta do plano de estratégia a longo prazo. As demais, referem-se às relações com os países industrializados e ao apoio às nações do Terceiro Mundo.

Por outro lado, Yamani declarou que a Arábia Saudita manterá até o final de junho seu atual nível de produção de 9,6 milhões de barris por dia, ou seja, um milhão acima do nível normal.

Yamani acrescentou que em caso de fracasso da conferência ordinária da OPEP em Argel, no dia 9 de junho, sobre uma reunificação dos preços do petróleo, a Arábia Saudita manterá seu preço atual, que é de 26 dólares o barril. Esse é o menor preço dentro da OPEP.

Já o ministro do Petróleo da Venezuela, Humberto Calderon Berti, propôs um congelamento na produção do petróleo até 1985, da ordem de 30 a 32 milhões de barris por dia. A atual produção da OPEP é de 29 milhões de barris diários.

### AUMENTOS GRADUAIS

O ministro do petróleo de Catar, xeque Abdel Aziz, disse ser a favor de "aumentos graduais no preço do petróleo bruto. Dessa maneira seria garantida a estabilidade da economia internacional e evitaria que os países consumidores tivessem uma queda brusca em seus orçamentos".

O ministro de Catar, entretanto, não descartou a possibilidade de o petróleo continuar a ser usado como arma política "enquanto for necessário".

Para Belkacem Nabi, ministro do Petróleo da Argélia, "essa reunião extraordinária é muito importante, pois nela estamos tentando chegar a um acordo sobre qual a melhor maneira de adotarmos a política do petróleo para os próximos dez anos".

Segundo ele, o aumento gradual "é realmente um plano estratégico ponderado, uma vez que os países poderão fazer previsões de gastos e, ao mesmo tempo, procurar novas fórmulas alternativas de energia".

De acordo com o plano dos 13 ministros, os reajustes no preço do petróleo seriam trimestrais.

O valor de cada reajuste dependeria da situação de momento da economia ocidental, calculada pelo Produto Interno Bruto de 23 nações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), pela flutuação das onze principais moedas internacionais e a taxa de inflação mundial.

Para reajustar o preço do petróleo por trimestre, a OPEP deverá produzir praticamente o que o mundo consome, garantindo que não haja nem uma superprodução, nem uma subprodução, para que o preço também não flutue.

## Novo mercado de matéria-prima



# China: preferência a produtos brasileiros

Do enviado especial

**PEQUIM** — O vice-primeiro-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, que assinou há seis anos o restamento de relações diplomáticas com o Brasil, informou a Mário Garnero, presidente do Brasilinvest e chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento preferencial, não só a nível de governo, mas de todas as corporações chinesas de produção.

Em encontro de uma hora com a delegação brasileira, Chen Chie disse acreditar que o comércio entre os dois países, hoje de US\$ 250 milhões anuais, possa chegar facilmente aos US\$ 500 milhões nos próximos dois anos, partindo-se para novos negócios, além das tradicionais compras de carvão e petróleo.

O vice-primeiro-ministro informou a Garnero que, este ano, sete missões comerciais chinesas visitarão o Brasil e considerou bastante positivo que o consórcio de empresas brasileiras de engenharia tenha deixado na China dois engenheiros, que darão assistência técnica a vários projetos hidrelétricos. Chen Chie considerou indispensável a abertura de um escritório de representação comercial brasileiro no país, sendo informado por Garnero de que o Brasilinvest já tomou a decisão de instalá-lo em Pequim, imediatamente, para dar seqüência a vários contatos já iniciados.

A delegação comercial brasileira do Brasilinvest convidou — e os convites foram aceitos — duas missões chinesas para ir ao Brasil. A primeira, formada por elementos da área de silvicultura, visitará projetos de reflorestamento e indústria madeireira, em virtude do grande interesse demonstrado pelos chineses no setor, praticamente desconhecido no país, bastante dependente de matéria-prima para chapas de madeira e madeira serrada. O convite for-

mal, feito por Sérgio Lupatelli, da Manasa Madeireira Nacional e Brasilinvest, já foi aceito oficialmente e a missão chegará ao Brasil nos próximos meses.

A segunda delegação chinesa convidada pelo Brasilinvest será formada por jornalistas, que percorrerão o Brasil para divulgar, em seu país, o atual desenvolvimento brasileiro. Em vários encontros dos empresários da missão comercial — inclusive com a direção da agência "Nova China", a agência oficial de notícias chinesa, e editores do "Diário do Povo", órgão oficial do Partido Comunista da China —, ficou claro que há um grande interesse em se estudar o modelo de desenvolvimento brasileiro, para extrair lições que possam ser aproveitadas pelo governo chinês, que se diz impressionado com os resultados obtidos pelo Brasil nos últimos vinte anos.

Tais resultados são o mesmo que a China pretende atingir com seu plano de quatro modernizações, que inclui transformações radicais nas áreas de ciência, tecnologia, agricultura e defesa nacional.

## CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

A missão brasileira manteve vários contatos com a China International Trust and Investment Co. (Citic), uma espécie de BNDE local, que se mostrou disposta a agenciar a formação de "joint-ventures" na China. As condições, segundo os empresários brasileiros, são favoráveis. Na montagem de fábricas, por exemplo, a maior exigência é que todo o investimento que requeira dispêndio de capitais seja compensado com a exportação no valor equivalente, para que haja sempre um equilíbrio. Além disso, a lei de remessa de lucros chinesa é considerada bastante razoável, bem menos exigente que a brasileira e não há nenhuma restrição quanto à quantidade de valores reme-

Embora nenhum negócio se tenha concretizado durante a viagem — e isso os brasileiros sabiam que dificilmente aconteceria —, a atual visita foi considerada altamente satisfatória, em virtude dos resultados que já apresentou.

A abertura do escritório de representação em Pequim; o convite imediatamente aceito pelas duas delegações que visitarão o Brasil; a informação oficial de tratamento preferencial para produtos brasileiros na China, e a estadia de dois engenheiros brasileiros especialistas na construção de hidrelétricas, que permanecerão no País no mínimo quatro meses, com todas as despesas pagas pelo governo chinês, são considerados índices seguros de que os resultados alcançados até agora estão acima das expectativas.

O próprio Mário Garnero, presidente da Brasilinvest, que organizou e chefiou a delegação brasileira, mostrou-se surpreendido com o caminho percorrido até agora. Exatamente por isso, várias decisões — como a instalação de um escritório local — foram tomadas com muita rapidez, a pedido, inclusive, dos próprios chineses, interessados em que os contatos estabelecidos nesta viagem tenham uma seqüência efetiva.

Além de Garnero, a missão brasileira que visita a China é formada por Sansão Woller, do Brasilinvest; Henrique Herweg, da Themag Engenharia; Sérgio Jih Chem Hau e Lin Suh Nan, também da Themag, que ficarão na China; Sérgio Lupatelli, da Manasa; Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial; Oswaldo Sábio de Melo, da Calçados Samello; William King, da KTD do Brasil; Harry Joory, da Joory S/A.; Romeu Bruno, da Ônibus Marcopolo; Cláudio Regina, da Ônibus Calo; Jacques Sikierski, da Itap Artefatos Plásticos; e Eloy Fontes Lessa, da Ficsa Financiamento e Investimento.

## Pequim dá preferência a produtos brasileiros

PEQUIM — O vice-primeiro-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, informou a Mário Garnero, presidente do Brasilinvest e chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento especial, não só a nível de governo, mas de todas as corporações chinesas de produção. Chen Chie, que assinou há seis

anos o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, disse que o comércio entre os dois países, hoje de US\$ 250 milhões anuais, poderá chegar facilmente aos US\$ 500 milhões nos próximos dois anos, com a realização de novos negócios, além das compras de carvão e petróleo.